



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O PAPEL DAS DANÇAS POPULARES NO PROCESSO DE
INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA**

DANIELLY KAMILLE DE SOUZA DA SILVA

JOÃO PESSOA - PB

2017

DANIELLY KAMILLE DE SOUZA DA SILVA

**O PAPEL DAS DANÇAS POPULARES NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à banca examinadora, sob
a orientação da Profa. Dra. Sandra
Alves da Silva Santiago, como requisito
parcial para a conclusão da licenciatura
em Pedagogia.

JOÃO PESSOA - PB

2017

S586p Silva, Danielly Kamille de Souza.

O papel das danças populares no processo de inclusão de estudantes com deficiência / Danielly Kamille de Souza Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.

70f.

Orientadora: Sandra Alves da Silva Santiago
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação – pessoa com deficiência. 2. Inclusão. 3. Dança.
I. Título.


UFPB/CE/BS

CDU: 376(043.2)

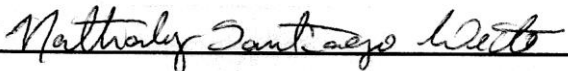
DANIELLY KAMILLE DE SOUZA DA SILVA

**O PAPEL DAS DANÇAS POPULARES NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA**

Banca examinadora



Profª Sandra A. da Silva Santiago



Profª Nathaly Santiago Leite



Profª Valeska Picado Schulze

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso pai e nosso protetor, que me permitiu condições físicas e psicológicas durante o desenvolvimento deste trabalho, que é igualmente a realização de um sonho. Que ouviu e atendeu todas as minhas orações e me fez forte mesmo perante as muitas dificuldades encontradas no caminho.

A meu pai (Severino), por ter criado a mim e a meus irmãos e nos tornado pessoas fortes e guerreiras. Que com muito carinho e amor sempre esteve a meu lado me apoiando e me ajudando em tudo que foi necessário.

A minha mãe (Rosangela), por ter me concebido a vida e me ajudado em todos os momentos que precisei do seu apoio.

A minha irmã (Jackeline), que com toda a sua sabedoria foi de uma importância fundamental para que eu tenha chegado até aqui, pois foi por ela que optei pelo curso de Pedagogia e foi com sua ajuda que consegui desenvolver muitas coisas que antes achava que eu não conseguiria.

A meu irmão (Rodrigo), que nesse período de tempo me presenteou com um sobrinho (Heitor) que amo muito e que, depois de seu nascimento, passou a dar um sentido especial a minha vida, me tornando uma pessoa mais feliz.

A meu namorado (Topázio), por ter estado a meu lado em muitos momentos de minha vida, me ajudando de muitas formas e me mostrando que posso ser mais forte do que imagino.

A minha Vó (Terezinha da Silva), que faleceu em novembro de 2015, mas que deixou a lembrança e a saudade de uma mulher forte e batalhadora, que

muito me ensinou com suas histórias de superação à violência sofrida por sua mãe e a situação de pobreza e exclusão social, que a fez enfrentar muitas dificuldades para se alfabetizar. Minha Vó foi uma mulher forte, guerreira e a mais generosa que conheci na vida.

A todos/as os/as amigos/as, pelo o apoio, e por toda a ajuda que me deram em todos os momentos que precisei.

A professora Sandra Santiago, por ter aceitado me orientar nesse processo de construção do TCC e me auxiliado prontamente em toda a construção do mesmo, desde a formação na área de aprofundamento em Educação Especial.

Meu especial agradecimento,

Danielly Kamille.

Dedico este trabalho à comunidade escolar na qual este trabalho foi baseado, especialmente, a todos os alunos com deficiência que contribuíram na construção deste TCC. Vocês são os reais protagonistas quando se trata da pauta sobre inclusão de pessoas com deficiência na escola. Por

isso, por nenhuma razão, suas vozes devem ser silenciadas.

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades

Boaventura de Souza Santos

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar se o uso da dança pode facilitar o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas, promovendo a inclusão de estudantes com deficiência. O tema da dança popular no processo de inclusão de estudantes com deficiência ainda é inexplorado na literatura brasileira, assim como as práticas pedagógicas nas escolas pouco se utilizam destas danças como um método lúdico para melhorar o desenvolvimento integral dos estudantes com deficiência, coletivo que ainda encontra limitadas oportunidades de participação e aprendizagem na escola. Desta forma, se fez uso de uma revisão bibliográfica sobre o tema, seguido da elaboração de um plano de intervenção, onde foi desenvolvido um programa de dança popular com seis (06) estudantes com deficiências variadas, numa escola pública de João Pessoa. O referido plano constou de 12 aulas, constituídas de aulas teóricas e práticas sobre o Coco de Roda e a Ciranda. Foram utilizados ainda instrumentos avaliativos (de habilidades específicas), antes e após as intervenções, com o propósito de avaliar o avanço desses estudantes, após a intervenção com a dança. Os resultados desta pesquisa indicaram que o desempenho dos estudantes sofreu alteração, indicando o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas, e, conseqüentemente, gerou melhoria no processo inclusivo.

Palavras-Chave: Deficiência. Inclusão. Dança.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar como el uso de la danza puede facilitar el desarrollo de habilidades cognitivas, psicomotoras y afectivas, promoviendo la inclusión de estudiante con discapacidad. El tema de los bailes populares en el proceso de inclusión de estudiante con discapacidad aún es inexplorado en la literatura brasileña, así como prácticas pedagógicas en las escuelas comunes poco se utilizan de estas danzas como un método lúdico para mejorar el desarrollo integral de los estudiante en general y, sobretudo, de alumnos con discapacidad, colectivo que aún encuentra limitadas oportunidades de participación y aprendizaje en la escuela. Así, este estudio ha utilizado una revisión bibliográfica sobre el tema, siguiendo de la elaboración de un plan de intervención, en el cual ha sido desarrollado un programa de danza popular con seis (06) estudiantes con discapacidades variadas, en una escuela pública de João Pessoa. El referido plan se constituyó de 12 clases, compuestas de clases teóricas y prácticas sobre el Coco de Roda y la Ciranda. Han sido utilizados aún instrumentos evaluativos (de habilidades específicas), antes y después de la intervención con la danza. Los resultados de esta investigación indican que el desempeño de los estudiantes tuvo alteración, indicando el desarrollo de habilidades cognitivas, psicomotoras y afectivas y, en consecuencia, generó la mejoría en el proceso inclusivo.

Palabras-Clave: Discapacidad. Inclusión. Danza.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DANÇAS, DANÇAS POPULARES E INCLUSÃO.....	13
2.1 ORIGEM E HISTÓRIA DAS DANÇAS POPULARES	13
2.2 COCO DE RODA	15
2.3 CIRANDA	17
2.4 DANÇA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA	18
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
3.1 TIPO DE PESQUISA	21
3.2 CAMPO EMPÍRICO: O UNIVERSO E OS SUJEITOS DA PESQUISA	21
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	22
3.4 PROCEDIMENTO PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	27
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	28
4.1 DIÁRIO DE BORDO: REGISTRO DAS VIVÊNCIAS DE DANÇAS POPULARES	28
4.2 ANÁLISE DOS DADOS	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE	64

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo introduzir um programa de dança popular para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas de estudantes com deficiência que estão matriculados na escola comum. A escolha do tema para este trabalho de conclusão do curso de Pedagogia foi motivada pelas experiências acadêmicas da autora, quando atuou como professora de dança popular em uma escola pública na cidade de João Pessoa. Essas experiências na escola puderam ser refletidas nas discussões fomentadas na área de aprofundamento em Educação Especial (que faz parte do curso de Pedagogia da UFPB), momento em que nasceu o interesse em utilizar a dança como um meio para o desenvolvimento e a inclusão de estudantes com deficiência na escola regular.

As perguntas condutoras dessa investigação são: como a dança popular pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades, socialização e aprendizagem de crianças com deficiência na escola? Qual a opinião dos participantes sobre a experiência com a dança? Quais pontos emergentes o trabalho articulado entre educação para pessoas com deficiência e dança popular suscitaram neste trabalho?

Partimos da hipótese de que as danças populares podem contribuir positivamente com a aprendizagem de estudantes com deficiências. Nessa direção, destacamos que a inclusão como direito dos referidos alunos deve ser promovida por diferentes caminhos que podem ir além da sala de aula. Entre esses caminhos, destacamos a arte como um dos mais interessantes, pois estimulam as múltiplas inteligências, já tão esquecidas pela escola tradicional.

Desse modo, esta pesquisa une dois temas: inclusão de pessoas com deficiência e transmissão de valores culturais da tradição de dança popular. Na primeira parte deste estudo monográfico, trazemos a literatura que trata de inclusão escolar e abordamos o conteúdo sobre danças populares brasileiras, dando destaque ao Coco e à Ciranda. Neste momento, caracterizamos ainda contribuição da dança para o desenvolvimento das habilidades de crianças

com deficiência, especialmente por utilizar a expressão artística e cultural do povo nordestino e paraibano.

A segunda parte desta pesquisa evidencia-se a necessidade de se realizar uma pesquisa de campo, de forma a vivenciar a prática do ensino de danças populares junto às crianças com deficiência. Para esta fase, a pesquisa avaliativa e interventiva foi realizada numa escola pública municipal da cidade de João Pessoa, na Paraíba, onde um grande número de estudantes com deficiência compõe o quadro de matrícula da escola.

Para a realização do trabalho, primeiro desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, e em seguida, fizemos uma pesquisa de campo. A pesquisa interventiva aconteceu entre o período de março a abril de 2017. Essa pesquisa contou com a participação de seis crianças, previamente selecionadas pela gestão escolar, atendendo aos critérios de: possuir deficiência, ter disponibilidade para participar das vivências e possuir laudo de deficiência.

No primeiro capítulo apresentamos de modo geral os objetivos do estudo e introduzimos o tema, apresentaremos no segundo capítulo uma discussão sobre as danças populares e sobre as deficiências presentes no grupo de intervenção. No capítulo seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, além dos dados coletados e a discussão a respeito dos mesmos, tendo o suporte bibliográfico como a base para compreender a realidade observada. São estes dados que nos ajudarão a chegar às considerações finais que apresentamos ao final do estudo.

Esperamos com este estudo incentivar os professores da escola básica a usarem a dança popular como ferramenta de inclusão e apoio ao desenvolvimento de alunos com deficiência. Do mesmo modo, este estudo buscar motivar a comunidade escolar e as pessoas em geral a conhecerem nossa tradição cultural por meio da dança popular e reconhecer seu valor na socialização da diversidade de estudantes. Com os resultados desse trabalho, estimulamos a disseminação e o aprofundamento de problemáticas que envolvam educação especial e cultura popular com destaque ao ensino de dança nas escolas.

2. DANÇAS, DANÇAS POPULARES E INCLUSÃO

O tema dança e inclusão de estudantes com deficiência é de grande relevância, pois além de estudos teóricos, é possível que uma contribuição efetiva possa ser dada para os estudantes com deficiência, motivando-os e colaborando com a aquisição de habilidades que, geralmente, não são trabalhadas na escola. Nessa direção, o uso da dança sob a ótica de um pedagogo pode ser positivo e feito como metodologia alternativa para aqueles que possuem limitações de ordem cognitiva ou física e que enfrentam desafios para escolarizar-se.

Pensando na significativa ampliação de políticas públicas para crianças com deficiência e, no descompasso, na ineficácia, muitas vezes, de práticas pedagógicas acessíveis a este público na escola comum, o presente estudo assume uma opção em contribuir com reflexões e com práticas interventivas na área, a fim de avaliar se as danças populares podem ser um recurso importante para a aprendizagem de estudantes com deficiência.

Paralelamente, este estudo lança reflexões sobre deficiência e a cultura popular, nas quais a dança aparece como uma importante expressão. A cultura popular representa a identidade de um povo. Tanto quanto a origem biológica informa muito sobre como se vive, o que se valoriza, o que se tem e o que se é. Assim, as danças populares são um importante componente cultural da humanidade e permite reviver costumes dos antepassados através de vários ritmos que representam crenças, comportamentos, jeito de vestir-se, jeito de ser ou de fazer algo, etc.

A dança popular traz uma contribuição muito importante para crianças com deficiência na escola, especialmente porque estas crianças são, muitas vezes, impedidas de praticar qualquer tipo de atividade física ou mesmo atividades coletivas.

2.1. Origem e História das Danças Populares Brasileiras

O Brasil é um país muito conhecido pela sua diversidade cultural. Cada região brasileira desenvolveu suas manifestações populares motivadas por diversos acontecimentos históricos que são revividos até os dias de hoje através das festas culturais. As danças populares brasileiras compõem grande parte dessa diversidade. Elas foram fundamentais na construção do que hoje chamamos de “*cultura popular brasileira*” ou “*Folclore brasileiro*” e se constituem como um importante componente histórico e cultural da humanidade.

Advindas dos povos indígenas e dos quilombos, as danças populares brasileiras são manifestações cujas características estão diretamente ligadas aos aspectos religiosos, festas, lendas, fatos históricos, acontecimentos do cotidiano e brincadeiras que se caracterizam pelas músicas animadas, com letras simples e populares, figurinos e cenários representativos e comidas típicas(RAHME, 2013).

A cultura popular passou a ser reconhecida como identidade cultural de cada lugar, se constituindo como parte da construção histórica do nosso país,e, apesar de tal reconhecimento é muito comum a dança ou qualquer outra manifestação popular receberem reajustes. São modificações feitas muitas vezes por interesses políticos, capitalistas e na tentativa de camuflar qualquer protesto que possam conter nas músicas e danças populares e que seja contra os interesses de grupos poderosos.

Desse modo, não sabe se está vendo o que existia originalmente, o que o restaurador achou que existia, ou o que ele achou que deveria existir. (BURKE, 1989, p. 47). Do mesmo tempo, também existe uma tentativa de transformar o popular em algo organizado, sistematizado, hierárquico, dócil, culto e disciplinado. Tais modificações acabam, muitas vezes, por fazer perder a verdadeira essência daquela manifestação e descaracterizam a genuína história de um povo.

Nesta linha, Guarato (2014, p. 64) afirma que as danças sofreram ataques num processo que consiste em “purificar” aquilo que era feito pelo povo quando exposto aos “cultuados”. Fazendo-as se perderem de suas verdadeiras histórias.

Originalmente as danças populares brasileiras se apresentam com representações muito significativas do que era e como vivia o povo brasileiro

numa realidade muito diferente dos dias atuais. Tradicionalmente esses conhecimentos eram passados de gerações a gerações. Com o tempo e por muitos e diferentes motivos, as danças originárias do Brasil foram se perdendo e esse legado que era passado dos mais velhos para os mais novos se tornando cada vez mais raras. Ainda, as festas de cultura tradicional sendo menos populosas. Embora hoje em dia sejam pouco disseminadas as festividades tradicionais brasileiras, elas ainda existem, resistem e acontecem em diferentes partes do Brasil, por exemplo, a Festa da lavadeira é uma festa Recifense, e é comemorada a mais de cem anos, por toda a população pernambucana, assim como por visitantes de outros estados, no dia 1 de maio onde reuni grupos populares de todo Pernambuco. A festa foi perdendo apoio por parte dos órgãos públicos, tendo que acontecer em outros estados que ofereceram apoio para que a festa não tivesse que acabar. Assim como a festa da lavadeira, outros Festejos resistem aos preconceitos, a desvalorizações e a falta de incentivo por parte dos órgãos públicos e da mídia.

2.2. Coco de Roda

O Coco de Roda foi um ritmo que surgiu da união dos povos negros e indígenas no interior do nordeste brasileiro, quando homens e mulheres que trabalhavam na quebra de cocos para retirada de amêndoas, aproveitavam do ritmo que se sucedia da quebra dos cocos e cantavam letras improvisadas na hora, muitas vezes com duplo sentido, assim como também dançavam acompanhado as músicas cantadas (TOSCANO, 2012).

O Coco surgiu no interior do Brasil, mas com o tempo foi tomando conta das regiões litorâneas passando a ser conhecido como ritmo praieiro. Não se sabe ao certo em qual estado originou-se, sendo citados a Paraíba, Pernambuco e Alagoas (TOSCANO, 2012).

Nos dias atuais o ritmo Coco é cantado e dançado em muitas regiões brasileiras e se apresenta de diferentes formas, trazendo características próprias de cada região. Existem diversos tipos e ritmos de Coco, como: O Coco de Umbigada, O Coco de Trupé, a Sambada de Coco, entre outros. O Coco, tradicionalmente, é dançado em formação de roda podendo ser um

duelo que se posicionam no centro do círculo e disputam a dança entre si, ou dançado entre casais com coreografias ensaiadas onde vários casais dançam seguidamente os mesmos movimentos.

O Coco é uma dança de roda, com um casal no centro que se reveza com os demais, um após outro. Os formadores do círculo de dançarinos, pisam forte no solo, batem palmas e, vagarosamente, circulam, ao mesmo tempo em que giram o corpo de um lado para o outro. O casal, no centro, é mais ousado, dando volta completa em torno de si e encontra-se em umbigada. (D'AMORIM, ELVIRA, 2003, P. 113)

As danças de Coco sempre acompanham melodias animadas, que utilizam de instrumentos como pandeiro, ganzá, surdo e triângulo.

Segundo Ayala (1999), o Coco surgiu entre as classes oprimidas da sociedade e devido à sua origem foi um ritmo marginalizado e excluído por meios das classes dominantes. Assim, o Coco como expressão cultural deve-se unicamente à resistência e a luta dos povos que o cultuavam, que conseguiram fazer do Coco uma das manifestações populares mais conhecida do Brasil, mesmo com a história de preconceito e a falta de incentivo.

Com o passar do tempo, o Coco de roda foi ganhando mais força e se organizando, sendo composto por mestres, músicos e dançarinos que se apresentavam em festividades culturais em todo o Brasil. Apesar do Coco ser um ritmo com um grande valor histórico, vem perdendo espaço nos festejos populares. Sem apoio popular, nem governamental, sem incentivo financeiro e sem espaço nas mídias locais e/ou nacionais, o Coco corre o risco de ser uma manifestação extinta pela falta de interesse das gerações mais jovens. Para Ayala (1999) os jovens de hoje são influenciados a integrarem-se nas culturas que estão expostas na mídia (e também no mundo digital) que os impedem de conhecer e adquirir interesse associando as danças e músicas da cultura popular. Muitas vezes, tal expressão é rotulada e desvalorizada por ser considerada *de preto/a velho/a, de pobre e cachaceiro*.

Quando participam das atividades culturais populares como a brincadeira do coco, desenvolvidas nas comunidades onde moram, muitos jovens reagem temendo, depois a ridicularizações feita por colegas da escola. Aceitam participar de apresentações públicas quando dançadores e cantadores são caracterizados como grupo folclórico. (AYALA, 1999, p. 246).

Algumas iniciativas populares lutam pela valorização e pelo resgate das manifestações de cultura popular, mas por outro lado as leis e políticas de incentivo popular nunca colocaram o Coco de Roda como prioridade nas ações e projetos considerados de interesse público. Essas políticas acabam revertendo os investimentos feitos com dinheiro do povo em altos cachês que pagam programações de cultura de massa que nada incentivam o resgate dos grupos tradicionais genuinamente brasileiros. (TOSCANO, 2012).

Desde sempre o coco de roda foi um ritmo respeitado quanto a seu valor histórico, porém pouco valorizado pelas políticas públicas de nosso país. Podemos citar como exemplo o Jackson do Pandeiro, considerado um ícone da música popular brasileira, um dos maiores mestres do Coco de Roda que influenciou grandes artistas brasileiros, no entanto, morreu pobre por não conseguir grandes incentivos políticos e midiáticos para sua música. Cena que repete com outros artistas brasileiros até os dias atuais.

A escolha pelo Coco de roda como um instrumento de pesquisa, se deu por entender que os movimentos da dança do Coco, por exigir muito empenho físico e mental dos dançarinos pode ser um caminho positivo para trabalharmos no desenvolvimento das habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas de alunos com deficiência, assim como no resgate as tradições culturais brasileiras.

2.3. Ciranda

Estudos apontam que a Ciranda é uma dança de origem Portuguesa muito dançada nos bailes da corte. Segundo Diniz (1960) a Ciranda chegou ao

Brasil no século XVIII, e foi por meados dos anos 60 que a ciranda começou a se popularizar no norte de Pernambuco, mais precisamente no litoral.

Entende-se que o nome Ciranda vem do Espanhol “zaranda” que significa instrumento de peneirar farinha. A Ciranda foi categorizada como “uma expressão popular – genuína dança do povo” praticada por trabalhadores rurais, pescadores de mangue e de mar, operários de construção não especializados e biscateiros (DINIZ, 1960, p. 15).

Hoje em dia é muito comum ouvirmos que a Ciranda é uma dança para crianças, mas na verdade aqui no Brasil a Ciranda iniciou como dança de adulto, dançada para celebrar bons acontecimentos. A Ciranda caracteriza-se por uma musicalidade lenta, com letras simples e utiliza-se de instrumentos como Zabumba, Caixa e ganzá. (GASPAR, 2009).

As músicas de Ciranda são sempre puxadas por mestres ou mestras, e os dançarinos, conhecidos como cirandeiras e cirandeiros. A dança de Ciranda tem passos simples, repetitivos e sempre fazendo uma forte marcação que é comandada pelo bumbo da zabumba. Por ser uma dança muito democrática e sua formação dançada sempre de mãos dadas, formando grandes círculos, a Ciranda também simboliza a união, o afeto e amor ao próximo.

Assim como qualquer manifestação tradicionalmente brasileira, a Ciranda também sofreu muito preconceito e exclusão pelas classes dominantes, mas com muita luta e resistência conseguiu manter-se viva e ser respeitada como uma importante manifestação popular do Brasil, sendo hoje considerada umas das maiores riquezas da cultura brasileira.

Embora a maioria dos pesquisadores e dos/as mestres/as cirandeiros venham do litoral de Pernambuco, a Ciranda também é cultuada em outros lugares e regiões do Brasil, tendo destaque as regiões Nordeste, Norte e Sul. Dançada por públicos de todas as idades, a ciranda também pode ser usada para o resgate da cultura brasileira, assim como para inclusão social.

Entendo que a ciranda representa o afeto e a união por ser dançada sempre em círculos e de mãos dadas, e por isso foi escolhida para compor esta pesquisa. Sendo a Ciranda uma das mais conhecidas e praticadas danças populares brasileiras, utilizaremos a mesma para trabalharmos no resgate a genuína cultura brasileira, e a favor do desenvolvimento das habilidades de alunos com deficiência.

2.4. Dança e Educação Inclusiva

Nos anos 60, origina-se nos países nórdicos a escolarização de crianças com deficiência, iniciando o movimento da integração escolar, um movimento no qual crianças e jovens com deficiência começaram a ser matriculados nas escolas regulares – ainda que estudando em classes separadas, mas dentro do sistema de ensino comum. Elas eram acompanhadas por professores de ensino especial, previamente formados para esta função. Em oposição a integração escolar, em diferentes partes do mundo e influenciado por lutas populares pelo direito à educação, nasceu um outro momento: o movimento pela educação inclusiva.

As reivindicações populares por uma escola inclusiva incorporaram-se nas agendas de organismos internacionais como a Unesco. Por exemplo, em 1994 foi assinada a Declaração de Salamanca, um documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, na Espanha. Este documento foi assinado por 92 países e 25 organizações internacionais que reconheceram a necessidade de fomentar a inclusão educacional para pessoas com deficiência no ensino regular e a importância de criar diretrizes básicas para a formulação de políticas e práticas que promovam a inclusão social (SANCHES, TEODORO, 2006).

Considerado mundialmente um dos mais importantes documentos que visa à garantia de educação para todos, a Declaração de Salamanca tem sua origem atribuída aos movimentos a favor dos direitos humanos e pela não segregação das instituições de ensino que ocorreram entre os anos de 60 e 70. Esta declaração afirma que a finalidade da educação especial é contemplar todas as crianças e jovens que não estão sendo beneficiados do ensino escolar, ou seja, não só as pessoas com deficiência têm necessidades educativas especiais, mas como também todos os que possuem dificuldade de aprendizado ou qualquer dificuldade social que o impeça a participação plena ao ensino regular (UNESCO, 1994).

Desde a publicação de documentos como esses, aumentou-se significativamente no Brasil o interesse nos estudos sobre a educação de pessoas com deficiência, pensado na análise de políticas públicas, na melhoria

do funcionamento da escola e da educação para crianças com deficiência e, sobretudo, na sua efetiva inclusão social e educacional.

Nesta direção, o censo escolar nacional (MEC/INEP) é realizado anualmente em todas as escolas de educação básica para constatação dos indicadores da Educação Especial e para verificar em que condições as escolas estão recebendo os alunos que necessitam do atendimento educacional especializado (AEE).

Desta forma, o movimento mundial pela educação inclusiva se constitui como uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação (BRASIL, 2008).

A partir das discussões emergentes sobre educação inclusiva, dois modelos de deficiência passam a ser discutidos: o modelo médico e o modelo social. O modelo médico é criticado porque dá visibilidade a deficiência como uma marca patológica, no qual a pessoa não é vista como pessoa, mas como *deficiente*. Já o modelo social nasceu em oposição ao modelo médico e enfoca as barreiras no ambiente e os limites externos que impedem o desenvolvimento integral da pessoa com deficiência (FERREIRA, 2004).

Um terceiro conceito aparece no discurso público e nos documentos oficiais que é a expressão “necessidade educacional especial”. Warnock Report (1978) introduziu o conceito de *special educational needs* em um estudo. Ele afirma a importância de crianças e jovens com deficiência com necessidades educacionais especiais estarem previstos no planejamento pedagógico para que sejam eliminadas barreiras de aprendizagem e a ação educativa não, exclusivamente, pautada em definições médicas (In: FERREIRA, 2004).

O conceito de deficiência fundamentado no modelo social aparece na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), documento marco na luta deste grupo, que reconhece a deficiência como um conceito em evolução e que a (...) deficiência resulta da interação entre pessoas com limitações e barreiras comportamentais e ambientais que impedem a sua participação plena e efetiva na sociedade em condições de igualdade com as outras pessoas” (ONU, 2006, p. 26).

Partindo desse conceito faz-se necessário buscar caminhos para que se garanta a participação plena dos estudantes com deficiência na sociedade. Neste contexto, é preciso garantir mais que a matrícula, mas a permanência e a qualidade da educação para o aluno com deficiência que esteja matriculado na rede regular de ensino. Não podemos incluir alguém sem lhe permitir um ambiente adequado, profissionais capacitados e recursos necessários.

A dança se apresenta como uma importante ferramenta para a promoção da inclusão social, uma vez que por meio dela é possível trabalharmos não só o corpo, como também a mente, pensando no processo de formação de um indivíduo independente, assim como no resgate a cultura e no respeito às diferenças.

A arte leva o homem a conhecer a realidade a partir da mediação subjetiva e da experiência do sensível. Inserida na escola, poderá ser desenvolvida de maneira que cada gesto e movimento possuam significados e significantes, e que haja relações entre o sentir, o pensar e o agir, no tempo e espaço conquistados. Com isso, a dança deve privilegiar a expressividade dos alunos, estimulando-os a construir conhecimentos através da criatividade (SANTOS & FIGUEIREDO, 2003, s/p).

A escola também é um lugar de dançar, e descobrir com a dança que é possível se divertir criando e aprendendo, por isso é importante que a escola ofereça a todos os alunos (sem distinção) esse momento artístico, onde os mesmos vão poder descobrir todos os elementos que a dança pode oferecer.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa adota a metodologia qualitativa de caráter exploratório. É propósito deste trabalho coletar dados sobre a cultura escolar, levantando informações sobre experiências, motivações e dificuldades vivenciadas por uma população específica (SEVERINO, 2002), aqui caracterizada pelos estudantes com deficiência que estão na escola regular.

Nesta direção, busca-se identificar, compreender e interpretar comportamentos e situações retratadas ao longo das vivências com danças populares realizadas a partir de encontros sistemáticos em uma escola pública. Esta pesquisa também busca avaliar o desempenho inicial dos estudantes com deficiência – antes, durante e após as vivências – para refletir sobre o uso da dança como instrumento de desenvolvimento de habilidades e consequentemente, de inclusão social.

3.2. Campo Empírico: O universo e os sujeitos da pesquisa

O local que realizamos a pesquisa foi numa escola da rede pública, no bairro de Mangabeira, cidade de João Pessoa, Paraíba. Inicialmente, foram indicados sete (7) alunos¹, mas, efetivamente, participaram das vivências com danças populares, seis (6) alunos com deficiência, previamente escolhidos pela direção da escola, que atendam aos critérios de: ser aluno regularmente matriculado, possuir deficiências, ter disponibilidade para participar da pesquisa.

Os sujeitos participantes da pesquisa serão aqui identificados por: S1, S2, S3, S4, S5 e S6. Com relação as deficiências apresentadas pelos sujeitos é possível melhor visualizá-las no quadro a seguir:

¹ Durante os relatos das vivências ficará claro porque eram sete alunos e ao final ficou apenas seis.

Quadro 1: Identificação das deficiências

SUJEITO	DEFICIÊNCIA
S1	Atraso global de desenvolvimento neuropsicomotor, surdez e calcificação intracraniana.
S2	Epilética e perda de audição bilateral neurosensorial.
S3	Transtornos globais de desenvolvimento (Autismo) e retardo mental moderado.
S4	Síndrome de Down
S5	Deficiência intelectual leve, transtornos emocionais e de comportamento.
S6	Deficiência mental moderada, microcefalia e transtornos de linguagem.

FONTE: elaborado pela autora.

3.3. Instrumentos de Coleta de Dados

Utilizamos como instrumento de pesquisa uma ficha avaliativa que foi aplicada antes das vivências com danças populares e ao final das vivências. Esta ficha avaliou algumas das habilidades escolares que os alunos com deficiência desenvolveram ao longo das vivências, conforme destacado a seguir:

Quadro 2: Ficha avaliativa

	1	2	3	4	5
1. COORDENAÇÃO MOTORA					
3. LATERALIDADE					
4. MEMÓRIA					
5. FLEXIBILIDADE					
6. POSTURA					
7. ATENÇÃO					
8. NOÇÕES DE ESPAÇO					
9. NOÇÕES DE TEMPO					
10. CONTROLE CORPORAL					
11. CONTROLE EMOCIONAL					
12. INTERAÇÃO EM					

GRUPO					
--------------	--	--	--	--	--

FONTE: Elaborado pela autora.

A ficha avaliativa foi preenchida individualmente a partir da observação de cada aluno, considerando o desenvolvimento das suas habilidades e execução dos exercícios propostos.

Além da ficha avaliativa, para cada vivência foi elaborado um Plano de Intervenção, contendo a proposta a ser desenvolvida a cada encontro. Esta proposta leva em consideração o uso das danças populares (Coco e Ciranda) para o desenvolvimento das habilidades escolares de coordenação motora, lateralidade, memória, flexibilidade, postura, atenção, noções de espaço, noções de tempo, controle corporal, controle emocional e interação em grupo.

O plano de intervenção foi desenvolvido em um plano de curso e depois dividido em aulas, conforme demonstrado a seguir:

Quadro 3: Planos de curso

I. Plano de Curso
II. Dados de Identificação: Escola: Municipal de Ensino Fundamental Série: 7º ano A Turno: Tarde Período de pesquisa campo: 12 dias (Março/abril) Professora Orientadora: Sandra Alves da Silva Santiago
III. Tema: O Papel das Danças Populares no Processo de Inclusão de Pessoas com Deficiência.
IV. Objetivos: Objetivo geral: O presente estudo tem como objetivo principal analisar a dança popular como um dos meios de promoção da inclusão de estudantes com deficiência. Para isso utilizaremos fichas avaliativas que serão aplicadas com os alunos participantes no início e no término do período de vivência. Ao fim de todo o processo de experiência serão somados os resultados da primeira e da última ficha avaliativa para analisarmos se a dança de fato pode contribuir para inclusão do público alvo e quais

mudanças ocorreram nesse processo.

Objetivos específicos:

- Compreender a dança popular como expressão cultural válida para a aprendizagem.
- Definir habilidades psicomotoras, de linguagem, interação, memória, atenção que podem ser trabalhadas por meio da dança.
- Vivenciar experiências com danças populares junto aos alunos com deficiências.

VI. Metodologia

O processo metodológico acontecerá em três momentos, no primeiro momento serão realizadas atividades que exija dos participantes coordenação motora, lateralidade, memória, flexibilidade, postura, atenção, noções de espaço, noções de tempo, controle corporal, controle emocional e interação em grupo. O segundo momento será dividido em nove dias de vivências onde serão aplicadas bases coreográficas da dança popular de modo que auxiliem no desenvolvimento das habilidades de cada participante, e no terceiro momento serão aplicadas novamente as mesmas atividades que foram aplicadas no primeiro momento para que os alunos participantes sejam avaliados depois da vivência com a dança.

VII. Recursos didáticos:

Os recursos didáticos necessários serão aparelhos de som, corda barbante, fita adesiva, lápis, papel e um espaço físico amplo.

VIII. Avaliação:

A avaliação será feita através de fichas avaliativas que serão aplicadas no início e no término dos doze dias de vivência.

FONTE: elaborada pela autora

A seguir, apresenta-se a sequência das 12 aulas elaboradas a partir do Plano de curso, cujas propostas conduziram as vivências na escola.

Quadro 4: Planos de aula

<u>LISTA DE PLANOS DE AULA</u>
1º PLANO DE AULA Data: 20/03/2017 Tema: Observação e primeiro contato.

Objetivo: Realizar uma observação dos com deficiência do 7º ano (alunos participantes das vivências) em um momento do cotidiano escolar, assim como fazer o primeiro contato e apresentação e falar um pouco da proposta de aprendizagem do curso dança popular para os mesmos.

2º PLANO DE AULA

DATA: 22/03/2017

TEMA: Avaliação inicial.

OBJETIVO: A aula objetiva a realização de uma avaliação com os alunos anteriormente ao início das aulas com danças populares (Ciranda e Coco). Para a avaliação será utilizado exercícios práticos que possibilitará a observação dos alunos com relação aos seguintes critérios: Coordenação motora, lateralidades, memória, flexibilidade, postura, atenção, noções de espaço, noções de tempo, controle corporal, controle emocional e interação em grupo.

3º PLANO DE AULA

DATA: 23/03/2017

TEMA: Danças populares brasileiras: Ciranda e Coco de Roda.

OBJETIVO: A aula objetiva a Introdução dos movimentos das danças Ciranda e Coco de Roda, bem como levar ao conhecimento dos alunos uma breve explicação sobre as mesmas.

4º PLANO DE AULA

DATA: 28/03/2017

TEMA: Aprendizagem de Coco de Roda

OBJETIVO: Introduzir os movimentos da dança Coco de Roda e igualmente trabalhar a coordenação motora, a atenção e a interação.

5º PLANO DE AULA

DATA: 29/03/2017

TEMA: Processo Coreográfico.

OBJETIVO: Utilização de um processo coreográfico para exercitar a memória, o ritmo, a interação em grupo e do controle emocional dos alunos.

6º PLANO DE AULA

DATA: 04/04/2017

TEMA: Aprendizagem dos ritmos de dança popular brasileira e estimo a identificação dos alunos com a dança.

OBJETIVO: Escutar livremente os diferentes tipos de músicas que compõem as danças populares brasileiras. *(Aqui trabalha a atenção, expressão, noções de tempo, noções de espaço e interação)*

7º PLANO DE AULA

DATA: 06/04/2017

TEMA: Memorização.

OBJETIVO: trabalho com a memória, assim como a interações em grupo e controle emocional por meio da memorização das coreografias trabalhadas nas aulas anteriores.

8º PLANO DE AULA

DATA: 11/04/2017

TEMA: Interação em Grupo

OBJETIVO: A aula objetiva exercitar a interação em grupo, a memória, noções de espaço e noções de tempo, desenvolvendo todo momento coreográfico em formações de dupla.

9º PLANO DE AULA

DATA: 18/04/2017

TEMA: Lateralidade e Atenção.

OBJETIVO: A aula objetiva exercitar a lateralidade assim como noções de tempo, noções de espaço, interação em grupo, a atenção e o controle emocional.

10º PLANO DE AULA

DATA: 20/04/2017

TEMA: Coordenação Motora.

OBJETIVO: A aula objetiva trabalhar a coordenação motora, o controle corporal e a atenção utilizando de movimentos mais complexos que exija maior desempenho corporal.

11º PLANO DE AULA

DATA: 25/04/2017

TEMA: Apresentação dos movimentos coreográficos aprendidos.

OBJETIVO: A aula objetiva realizar uma apresentação final com todos os movimentos coreográficos aprendidos e juntamente trabalharmos a memória, noções de tempo, noções de espaço, controle emocional, controle corporal e interação em grupo.

12º PLANO DE AULA**DATA:** 26/04/2017**TEMA:** Avaliação final.**OBJETIVO:** Avaliar por meio de fichas individuais o desempenho dos alunos com deficiência durante o curso de dança popular comparado com os resultados da primeira avaliação diagnóstica e com informações coletadas ao longo do curso.

Os encontros interventivos para realização das oficinas de danças populares, aconteceram a partir de um calendário definido em comum acordo com a direção da escola, totalizando 12 encontros de 1h30m cada, conforme se vê a seguir:

Quadro 5: Cronograma de vivências na escola

MES	DIAS								
MARÇO	20	22	23	28	29	--	--	--	--
ABRIL	04	06	11	18	20	24	26	--	--

Fonte: elaborado pela autora

OBS: As datas destacadas em vermelho são os dias que foram realizadas as avaliações inicial e final.

3.4. Procedimento para a análise dos dados

Por último, a análise e interpretação dos dados foram feitas a partir da correlação dos dados empíricos colhidos nas vivências com referenciais teóricos que fundamentam o tema da inclusão de pessoas com deficiência na escola regular e teorias que sirvam de pano de fundo para compreensão do desenvolvimento humano na aprendizagem da dança popular, arcabouço teórico construído na primeira fase da pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Diário de bordo: registro das vivências com danças populares

As vivências aconteceram em 12 dias, de modo que cada dia teve um objetivo, permitindo a observação das habilidades e dificuldades dos alunos participantes.

Em todos os dias iniciamos as aulas de dança com alongamentos dos membros superiores e inferiores para preparação do corpo para a aula de dança (ACHOUR JR, 1996), conforme detalhamos a seguir.

Quadro 6: Diário de Bordo

1º Dia	
Apresentação do projeto e primeiro contato com os alunos-participantes	
Data: 20 de março de 2017 Número de horas da atividade: 2 horas Locais explorados na escola: Sala de aula e refeitório. Número de alunos participantes: 7 (sete) Objetivo da aula: Apresentar a proposta da realização de aulas de dança popular (Coco de roda e Ciranda) a ser aplicada aos alunos com deficiência do 7º ano e realizar uma avaliação sobre suas habilidades psicomotoras e de linguagem a partir da observação deles em sala de aula.	
1. Momento de chegada O primeiro dia de vivência foi o dia de conhecer os alunos, os observar em sua rotina escolar. Ao chegar fui até a sala da diretora, que me recebeu muito bem, apresentei o projeto que tinha interesse de aplicar na escola com alguns alunos com deficiência e ela adorou. Disse que é sempre muito bem vindos projetos para os alunos com deficiência, por ser bom para os alunos e para a escola como um todo. Perguntei se seria possível observá-los em sua rotina escolar normal e ela disse que sim e que chamaria uma funcionária da escola para me acompanhar até a sala de aula.	

Antes de me encaminhar para sala de aula a diretora me falou um pouco da rotina dos alunos na escola, disse que todos os dias a prefeitura envia um ônibus especial para pegar e deixar em suas casas todos os alunos com deficiência. Eles chegam à escola às 12h:30min. As 13h:00min inicia a aula na sala regular onde eles permanecem até as 15h:00min, horário do lanche. O horário do lanche se estende até as 16h:00min que é o horário que o ônibus chega para levá-los para casa.

2. Observação

Uma funcionária da escola me levou até a sala do 7º ano. Ao chegarmos à sala a funcionária, me perguntou: *você já conhece os alunos “especiais”?* Falei que não. Ela me falou que será fácil identificá-los porque cada um estaria acompanhado de sua cuidadora. Chamamos a professora que prontamente veio até nós, me apresentei e expliquei a ela que gostaria de observar durante aquela aula os seis alunos que iriam vivenciar comigo as aulas de dança, ela disse que eu poderia entrar e me pediu que sentasse em uma das cadeiras que ficava no fundo da sala. Ela avisou a turma que eu estava ali só para observar a aula e pediu que não se incomodassem com minha presença, porque a aula seguiria normalmente. Fiquei os observando em sala das 13h:30min até as 15h:00min que foi o horário que eles foram liberados para o lanche.

3. Fechamento da observação

Acompanhei-os até o refeitório. Ao chegarmos os alunos foram até a cantina pegar seus lanches e as cuidadoras encaminharam-se para as mesas. Segui junto com elas e aproveitei o momento para me apresentar. Falei que iria começar uma vivência com aulas de danças populares com os alunos acompanhados por elas, e que por isso estava observando-os. Uma das cuidadoras expressou sua satisfação falando: *“Que legal, eles vão gostar muito dessa novidade porque adoram dançar”*. Quando os alunos chegaram à mesa com seus lanches, me apresentei perguntei seus nomes (um de cada vez), que me responderam muito envergonhados, e contei-os sobre as aulas de dança que iríamos começar. Perguntei se gostavam de dançar? E todos responderam que sim. Despedi-me e falei que retornaria ainda essa semana para nos conhecermos um pouco mais e iniciarmos as aulas de dança.

4. Comentários e observações sobre o dia

Todos os alunos com deficiência participantes das vivências com a dança são acompanhados por cuidadoras, sendo uma para cada aluno. Durante a minha observação na sala de aula, percebi que os alunos não

realizam as mesmas atividades que os demais alunos presentes em sala. Os alunos com deficiência saem 45 minutos antes dos outros alunos porque é o horário de chegada do ônibus que é enviado para buscá-los.

FONTE: elaborada pela autora.

2º Dia

Avaliação Prática Inicial

Data: 22 de março de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 7 (sete)

Objetivo da aula: A aula objetivou a realização de uma avaliação com os alunos anteriormente ao início das aulas com danças populares (Ciranda e Coco). Para a avaliação foi utilizado exercícios práticos que possibilitaram a observação dos alunos com relação aos seguintes critérios: Coordenação motora, lateralidades, memória, flexibilidade, postura, atenção, noções de espaço, noções de tempo, controle corporal, controle emocional e interação em grupo.

1. Momento de chegada

Ao chegar à escola fui até a diretoria pegar a chave da sala. A diretora perguntou se eu queria que ela pedisse para algum funcionário já ir chamar os alunos. Respondi que eu iria preparar a sala e que quando tudo estivesse pronto eu mesma iria chamá-los. Agradei e sair.

O segundo dia de visita foi o primeiro dia de vivências práticas. Preparei um espaço onde foi feita a avaliação. Elaborei exercícios que trabalhassem todos os critérios de objetivo desta aula. Ao término da preparação do espaço fui até a sala do 7º ano para chamar os alunos. Na sala estavam seis dos alunos, o sétimo se encontrava na biblioteca realizando uma atividade com a cuidadora e a professora do AEE, uma das cuidadoras disse que iria chamá-lo e o levaria para sala. Agradei e me encaminhei junto com os demais alunos e cuidadoras para a sala do CINECO.

Ao chegarmos à sala cumprimentei todos e me apresentei novamente, pedindo que eles se apresentassem também. Ainda muito tímidos todos se

apresentaram dizendo seus nomes. Mostrei para eles todas as marcações existentes no chão e expliquei que as marcações seriam o caminho que eles deveriam percorrer durante os exercícios. Pedi que as cuidadoras não interferissem, em momento algum, para ajudá-los a realizar o proposto, expliquei que precisaria observá-los executando os exercícios individualmente e sem ajuda.

2. Desenvolvimento da atividade

No primeiro momento da avaliação iniciamos com um alongamento dos membros superiores e inferiores. A observação feita nesse momento foi referente à flexibilidade de cada aluno. Depois do alongamento iniciando os exercícios que foram realizados com marcações de direção feitas no chão, onde uma marcação estava ligada a outra.

Para iniciar os exercícios pedi que todos os alunos prestassem muita atenção nos meus movimentos, pois seria uma demonstração do que eles precisariam fazer. Fiz a demonstração de todo o percurso que deveriam seguir, como deveriam seguir e pedi que formassem uma fila, um atrás do outro e, conforme os meus comandos, cada aluno executaria os movimentos demonstrados.

O primeiro movimento foi feito na direção de linha reta, ao final da linha reta iniciava-se um outro percurso em formato de arco que ligava a outro percurso com a direção em curvas formando oito. Ao final do percurso em formato de oito os alunos chegavam a uma marcação circular no chão, onde eles deveriam se posicionar dentro do círculo e esperar até o último aluno ter completado o percurso.

Em todo o momento do exercício, sempre que necessário, estive dando orientações para os alunos e os observando em relação à coordenação motora, postura, atenção, controle corporal e controle emocional. Todas as observações feitas foram anotadas em uma ficha avaliativa.

No segundo momento todos os exercícios foram realizados dentro de um espaço limitado. Ao fim da primeira etapa todos os alunos ficaram dentro de um círculo demarcado no chão, onde iniciamos a segunda parte da avaliação que foi composta de exercícios com danças populares brasileiras. Esses exercícios foram propostos para a observação do desempenho dos alunos com relação à lateralidade, memória, postura, atenção, noções de tempo, noções de espaço, controle corporal, controle emocional e interação em grupo.

Antes de iniciarmos o segundo momento coloquei a música e os organizei intercalados um ao lado do outro. Expliquei que nesse momento eles não poderiam sair do círculo. Pedi que tivessem atenção aos meus comandos

e movimentos. Durante esse momento da avaliação estive todo o tempo me movimentando e dando comandos para que os alunos se movimentassem da mesma forma que eu. Os comandos foram dados para que eles se movimentassem para esquerda, para direita, para baixo para cima, para frente, para trás, com giros, pulos e trocas de lugares.

3. Comentários e observações sobre o dia

Todos os alunos participaram e todas as observações foram marcadas nas fichas avaliativas.

FONTE: elaborada pela autora

3° Dia

Primeira aula de Dança

Data: 23 de março de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 7 (sete)

Objetivo da aula: Introdução dos movimentos e uma breve explicação sobre a Ciranda e o Coco de Roda.

1. Momento de chegada

Ao chegar fui até a sala da direção, cumprimentei todos os presentes e peguei a chave do CINECO (sala onde aconteceu todas as aulas de dança). Sai e fui preparar a sala. Com a sala já organizada, às 13h:45min fui chamar os alunos para a aula.

Quando todos já estavam em sala, cumprimentei-os e expliquei que seria o primeiro dia de aula de dança e que iríamos aprender sobre as danças de Ciranda e Coco de Roda.

2. Desenvolvimento da atividade

No primeiro momento da aula iniciamos dançando a ciranda. Pedi que formássemos um círculo e que todos pegassem nas mãos uns dos outros, coloquei uma música de ciranda muito conhecida entre adultos e crianças, entrei no círculo e iniciei a dança que foi facilmente acompanhada por todos os alunos. Após dançarmos perguntei se já haviam ouvido aquela música?

Responderam-me dizendo que nunca tinham ouvido. Então comecei explicando de forma bem resumida que a ciranda se tratava de uma dança originalmente brasileira que surgiu em Pernambuco, que é sempre dançada em formação de rodas, de mãos dadas, por ser uma dança que representa a união. Expliquei também que a ciranda é muito dançada nas festas tradicionais em todo o Brasil e todos os públicos podem dançar ciranda, seja criança, jovem ou adulto.

No segundo momento, ainda na formação de círculo, iniciamos a dançar o coco de roda. Pedi que olhassem com muita atenção para os movimentos que eu iria fazer e demonstrei a base do Coco. Logo depois, disse que iria fazer bem devagar e pedi que me acompanhassem fazendo o mesmo movimento. Coloquei a música e iniciamos o movimento do Coco de Roda. Ao término da música perguntei se conheciam o Coco de Roda e um dos alunos falou que já tinha dançado quadrilha. Perguntou: Tia, o *Coco de Roda também é quadrilha*? Respondi que não, mas que assim como a quadrilha é uma dança de origem brasileira e muito dançada no nordeste do Brasil. Que também faz parte das danças das festas tradicionais do país. Depois da breve explicação, continuei repassando os passos para eles, assim como também para as cuidadoras que fizeram questão de participar das aulas.

Um dos alunos se distraiu com alguns objetos que tinham no espaço e dispersou da aula, querendo pegar os objetos que estavam ali. A cuidadora logo tentou impedi-lo, que resistiu a agredindo. Tive que interromper a aula porque os alunos começaram a ficar assustados, exceto um que ficava o tempo todo tentando acalmar o aluno que tentava pegar os objetos. A confusão foi piorando e as agressões aumentando, tendo que ser chamado outros funcionários da escola para tentar acalmar o aluno. Quando esse incidente aconteceu já estava perto das 15h:00min da tarde e para evitar mais problemas terminei a aula e as outras crianças foram para o refeitório lanchar.

Fui até a diretoria, conversar com a diretora sobre o acontecido e ela me informou que o aluno era novo na escola e que a aula de dança não estava prevista na sua rotina. Que foi um erro da cuidadora ter o tirado da sala sem um preparo prévio, mas que também a criança ainda estava em fase de adaptação na escola e com toda a equipe e por isso ela achava melhor que ele não participasse mais das aulas. Compreendi sua explicação.

Ela me perguntou se eu queria que ela selecionasse outro aluno para as aulas, mas que esse outro aluno teria que ser um aluno surdo. Falei a ela que poderia, desde que ele tivesse uma acompanhante ou intérprete que se comunicasse com ele em libras porque eu não saberia me comunicar com ele em língua de sinais. Ela me respondeu dizendo que infelizmente não poderia me garantir isso em todas as aulas. Expliquei que só seria possível receber o aluno nas vivências com a garantia da presença do intérprete em todas as

aulas, para que eu pudesse me comunicar com ele. Ela concordou com minha explicação e combinamos que permaneceríamos as aulas com os alunos que já estavam.

3. Comentário e observações sobre o dia

Percebi que o aluno não foi previamente informado sobre a aula que aconteceria neste dia e, certamente, isso contribuiu para sua distração. Percebi também que a sua cuidadora ficou surpresa com a reação do aluno e não soube agir de forma correta para contê-lo, intervindo com gritos e usando a força para segurá-lo, isso fez com que o aluno se agitasse ainda mais.

Por conta do acontecido o aluno envolvido não iria mais participar das aulas e por isso a partir desse momento serão seis alunos participantes.

FONTE: elaborada pela autora

4° Dia

Segunda aula de Dança

Data: 28 de março de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 6 (seis)

Objetivo da aula: Introdução coreográfica do Coco de Roda.

1. Momento de chegada

Ao chegar na escola fui até a diretoria pegar a chave da sala e de lá fui direto buscar os alunos. Fomos todos para a sala e nesse momento percebi que uma das alunas, que é surda e que durante os relatos a identificarei por S1 estava sem a sua cuidadora, que também é sua intérprete. Questionei a falta da cuidadora. A cuidadora de outro aluno me informou que ele não veio porque era o dia dela estar na FUNAD, mas que o que fosse preciso às outras cuidadoras me auxiliariam. Perguntei se alguma delas se comunicava em libras ou conseguiria interpretar para a aluna tudo o que eu falasse. Responderam-me que não. Disse que precisaria de alguém que pudesse interpretar para a aluna minhas orientações e explicações porque sem uma intérprete, eu não conseguiria me comunicar com ela e isso seria ruim para todos, principalmente para ela que provavelmente não entenderia o sentido do

que viria a fazer.

Uma das cuidadoras chamou a professora da sala de AEE, expliquei o que me incomodava e ela disse que se fosse preciso era só chamar um dos funcionários da escola que trabalhava como intérprete também, expliquei que seria possível a presença dele a aula inteira e que eu não poderia ficar saindo da sala o tempo todo para chamá-lo. Ela disse que como ele tem outras funções na escola não seria possível ele ficar a aula toda conosco e perguntou se seria possível a aluna participar da aula nessas condições ou se eu queria que ela retirasse a aluna da sala? Respondi que não seria preciso tirar a aluna da sala e que ela iria participar da aula sim. Completei falando que faria o possível para conseguir me comunicar com ela.

2. Desenvolvimento da atividade

Ao entrarmos todos na sala, pedi que sentássemos no chão para realizarmos o alongamento. Disse que as cuidadoras também poderiam participar da aula, mas elas não poderiam interferir para ajudá-los a realizar o que for proposto, porque em todas as aulas eu estaria observando o desempenho de cada aluno, assim como os ajudaria sempre que preciso.

Iniciamos a aula com a dança do Coco. Por ser uma dança com bases coreográficas mais difíceis, pedi que todos ficassem em formação de roda porque assim ficaria mais fácil para eles visualizarem meus movimentos, assim como também facilitaria minha comunicação com eles. Expliquei que iríamos iniciar sem música para que primeiro aprendêssemos os movimentos e que para isso eles iriam ter que prestar atenção a tudo o que eu falasse para eles e aos movimentos que eu fizesse. Pedi que se tivessem alguma dúvida levantassem a mão que eu iria até eles para ajudar.

Iniciei demonstrando qual o movimento que queria que eles fizessem (o movimento base do Coco de Roda), e falei que íamos fazer bem devagar para que todos pudessem acompanhar. Repetimos os movimentos por várias vezes até que todos conseguissem executar. Expliquei que iria colocar a música e que iríamos executar os mesmos movimentos, mas agora no ritmo da música. Coloquei a música e disse que começaríamos a executar o movimento no mesmo ritmo que estávamos fazendo e aos poucos iríamos aumentando a velocidade até chegarmos ao ritmo certo da música. Os alunos não apresentaram dificuldade para desenvolverem a base do Coco de roda e ficaram muito atentos a todos as minhas explicações e comandos. A aluna S1 ficou muito atenta a todos os movimentos e conseguiu acompanhar todos, mas nos momentos das explicações não consegui repassar para ela o que tinha explicado, então, por gestos, apenas pedia que ela olhasse para mim e

para meus movimentos e repetisse o que eu fazia.

3. Comentários, observações e reflexões sobre o dia

Ao final da aula me despedi de todos e fui conversar com a diretora sobre a falta da intérprete na aula. Falei a ela que foi muito difícil me comunicar com a aluna por gestos e que em alguns momentos a aluna foi excluída de algumas explicações que não conseguir repassá-la. Pedi que ela fizesse o possível para que a intérprete não faltasse aos dias de ensaio para que a aluna pudesse ser contemplada por todos os momentos da aula igualmente aos demais alunos. A diretora disse que entendeu e concordou com todas as minhas colocações e disse que faria o possível para que a intérprete não faltasse novamente.

FONTE: elaborada pela autora

5° Dia

Terceira aula de Dança

Data: 29 de março de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 6 (seis)

Objetivo da aula: Por meio de um processo coreográfico exercitar a memória, o ritmo, a interação em grupo e o controle emocional dos alunos.

1. Momento de chegada

Ao chegarmos peguei a chave da sala na diretoria e fui buscar os alunos na sala. Ao entrarmos na sala, cumprimentei alunos e cuidadoras, que me cumprimentaram de volta e logo chamei-os para o centro da sala para realizarmos o alongamento.

2. Desenvolvimento da atividade

Pedi que todos os alunos deitassem no chão esticando bem o corpo, braços e pernas, e fechassem os olhos tentando relaxar o máximo possível. Pedi que forçassem bastante o alongamento do corpo e deixei-os nesse alongamento por 2 minutos. Encerrei o alongamento e pedi que levantassem.

Perguntei se eles haviam sentido alguma diferença, comparando esse alongamento com o outro que vínhamos fazendo anteriormente? Responderam que sim. E um dos alunos respondeu dizendo: *Senti sono tia*. Continuei explicando que esse alongamento foi feito para que iniciássemos a aula da melhor forma possível, relaxados de todas as agitações externa.

Para essa aula preparei uma sequência coreográfica usando duas músicas com movimentos repetitivos e bem simples de serem executados. Expliquei que ensinaria a coreografia a eles e depois repetiríamos juntos duas vezes. Expliquei também que depois das duas repetições que faríamos eu repetiria mais duas vezes a música para que eles executassem sem minha ajuda.

Um dos alunos sentou-se e disse que não queria dançar. A sua cuidadora foi até ele e disse que ele estava com vergonha, mas que ela iria tentar convencê-lo a participar. Disse que tudo bem e que enquanto ela conversava com ele, eu iria dando continuidade a aula. Pedi que se ele aceitasse participar da dança, que ela o trouxesse para junto dos outros alunos. Ela disse: *Ta certo*. Então segui com a aula.

Enquanto eu iniciava a explicação da coreografia que iríamos dançar, olhei para o aluno e vi que ele estava mexendo no celular. Pedi a cuidadora que guardasse o celular do aluno e o trouxesse para participar da aula. Ela guardou o celular e disse que não conseguiu convencê-lo a voltar para aula. Tentei convencê-lo a participar da aula, mas ele não quis. Disse a cuidadora que ele poderia ficar na sala sentado, observando as aulas, mas que ela deixasse o celular dele guardado para que ele pudesse observar a aula, e para que os outros alunos não se distraíssem com ele e/ou quisessem fazer o mesmo.

Expliquei aos outros alunos que o aluno estava com vergonha de dançar e por isso, somente por esse dia, ele iria ficar só observando a aula. Pedi que todos dançassem bem animados para que assim conseguíssemos convencer o aluno que não tem de quê se envergonhar. Um dos alunos disse: *Tia, se ele ficar ali olhando eu vou ficar com vergonha também*. Respondi que não tinha de que sentir vergonha porque ali todos nós estávamos aprendendo e igualmente se divertindo. *Ta bom, mas quando acabar a aula eu vou conversar com ele e disse tudo isso que você me falou*. Disse que isso seria maravilhoso e que era muito legal a atitude dele querer ajudar o amigo, e pedi que déssemos continuidade a aula.

Continuei com o ensino das coreografias, que foi aprendida sem dificuldade e bem rápido, utilizando apenas 10 minutos do tempo da aula. Após a passagem coreográfica coloquei a música para dançarmos. Pedi que dançassem com atenção para que no momento em que eles tivessem que

dançar sem minha ajuda eles conseguissem lembrar os movimentos.

Na primeira tentativa nenhum aluno conseguiu executar os movimentos coreográficos sem minha ajuda. Perguntei o que havia acontecido. Porque não estavam dançando. E um dos alunos respondeu dizendo: *Tia a gente tem vergonha de dançar com a senhora olhando*. Então perguntei: *Quando estou dançando com vocês eu também olho vocês dançando?* O aluno respondeu: *Sim tia, mas é diferente*.

Falei que iria dançar junto a eles só mais uma vez, mas que eu precisaria que eles dançassem só porque eu queria ver se aprenderam a coreografia que ensinei. Depois de repassar com eles novamente as coreografias das duas músicas, pedi que eles tentassem, mais uma vez, dançar sem mim. Coloquei-os em formação e disse que assim que a música começasse eles deveriam começar a dançar. Iniciei a música e me posicionei em frente a eles para observá-los. Uma das alunas iniciou a dança e os outros foram acompanhando. Para ajudá-los, fiquei dando comandos coreográficos, do tipo: Girou! Para um lado e para o outro, etc.

Repetimos por seis vezes esse exercício de forma intercalada, onde eu dançava uma vez com eles e em seguida dançavam sem minha ajuda. As seis repetições totalizaram três com minha ajuda e três sem minha ajuda. Ao final todos os alunos já conseguiam dançar sozinhos e nem se importavam mais se eu estava presente ou não para dançar com eles. Dessa forma trabalhamos a memória, o ritmo e o controle emocional de cada aluno.

3. Comentários e observações sobre o dia

Antes de sair conversei com o aluno que não quis participar da aula e disse a ele que na próxima aula eu ficaria muito feliz se ele participasse dançando. Ele respondeu dizendo: *Ta certo, tchau!*

FONTE: elaborada pela autora

6° Dia

Quarta aula de Dança

Data: 04 de Abril de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 6 (seis)

Objetivo da aula: estimular os alunos a gostarem de dançar. Serão utilizadas

cantigas animadas com o objetivo de proporcionar diversão enquanto se dança, ao mesmo tempo que a aula estará proporcionando a interação em grupo, noções de tempo, noções de espaço, ritmo e atenção.

1. Momento de chegada

Ao chegarmos informei que teríamos um breve diálogo. Pedi que sentássemos no chão em formato de círculo e fiz perguntas de um por um. Perguntei se eles já haviam dançado na escola? Todos responderam dizendo que sim. Que ano passado a professora do AEE havia ensaiado com eles uma quadrilha junina que foi apresentada na festa de São João da escola. Perguntei se esse ano eles estavam participando de alguma aula de dança ou se praticavam alguma atividade física? Me responderam que só estavam tendo aula de dança comigo e que praticavam atividades físicas nas aulas de educação física, como futebol, vôlei, pular corda e brincar de pega. Perguntei se eles gostavam de dançar e se estavam gostando das aulas que eu estava realizando com eles? Disseram que sim e que queriam que eu fosse todos os dias. Expliquei que eu só iria ficar com eles por um período de mais alguns dias. Mas que poderia ser que em outro momento eu retornasse à escola para dançarmos mais. Encerrei a conversa e ainda sentados iniciamos um alongamento dos membros superiores e inferiores. Após o alongamento pedi que levantássemos para iniciarmos a aula. Nesse momento já era 13h:55min.

2. Desenvolvimento da atividade

Expliquei a eles que hoje a aula seria uma brincadeira de roda. Levantamos, pedi que todos segurassem uns nos braços dos outros, coloquei as cantigas para que começássemos a dançar de acordo com poucos comandos que eu ia dando durante as músicas. Escolhi para essa aula músicas de ciranda, forró, quadrilha e algumas músicas populares bem conhecidas, como a música do *camaleão*. As músicas foram selecionadas de modo que completassem uma hora tocando sem intervalos. Começamos a dançar às 14h:00min e dançamos até às 15h:00min. Foi uma aula muito divertida e também de muitos aprendizados. Utilizei o momento de diversão para estimulá-los a dança, porque na medida em que a dança proporciona alegria, os alunos sentem-se mais motivados a praticá-la. Trabalhamos também a atenção por meio dos meus comandos. No final da aula perguntei aos alunos se haviam gostado da aula? E responderam dizendo que havia sido uma aula muito divertida.

3. Comentários e observações sobre o dia

Fiquei muito feliz com o resultado porque todos os alunos participaram e se divertiram. Todas as cuidadoras também participaram da aula.

FONTE: elaborada pela autora

7° Dia

Quinta aula de Dança

Data: 06 de Abril de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 6 (seis)

Objetivo da aula: trabalhar a memória, assim como a interações em grupo e controle emocional utilizando um exercício com as coreografias trabalhadas nas aulas anteriores.

1. Momento de chegada

Cheguei a escola e fui até a diretoria pega a chave da sala. A diretora me perguntou se tudo estava ocorrendo bem? Repondi que sim e me encaminhei para chamar os alunos na sala de aula. Ao entrarmos na sala nos cumprimentamos e já os chamei para iniciarmos o alongamento.

2. Desenvolvimento da atividade

Antes de iniciarmos a aula pedi que as cuidadoras não participassem dessa aula, exceto à intérprete da aluna surda que precisaria ficar para intermediar minha comunicação com ela. Expliquei para as cuidadoras que a aula seria trabalharmos e relembrarmos as coreografias ensaiadas anteriormente e para melhor desempenho de todos, eu precisaria que estivesse apenas os alunos (e eu) em sala. Elas disseram que não tinha problema e que iam ficar sentadas numa guarita que tem do lado de fora da sala e qualquer coisa era só chamá-las. A conversa que tive com as cuidadoras aconteceu com os alunos presentes. Depois que elas saíram, perguntei a eles se haviam entendido o que expliquei? Um dos alunos respondeu dizendo: *Tia, as bichinhas gostam tanto de dançar com a*

gente. Sorri e expliquei que elas só ficariam ausentes da aula naquele dia porque seria necessário, mas que a aula deveria acontecer normalmente mesmo sem elas.

Pedi que ficássemos em formação de círculo para iniciarmos a aula e assim que coloquei a música e deixei que eles iniciassem a dança com as coreografias que havíamos trabalhado. Rapidamente começaram a dançar. Não os avisei previamente que iria deixar que eles relembassem a coreografia porque talvez isso os deixasse muito ansiosos e atrapalharia na memorização, assim como também evitaria a espontaneidade do momento. Deixei seguir todas as músicas que havia trabalhado até o momento e em todas elas, deixei que os alunos iniciassem os movimentos coreográficos. Não precisou de muito tempo, assim que iniciavam as músicas eles já iniciavam os passos automaticamente, sem que eu precisasse pedir ou dar algum comando. Após o término, reiniciei todas as músicas, repetindo o mesmo procedimento uma vez para cada música.

3. Comentários e observações sobre o dia

Todos os alunos participaram da aula e não reclamaram da ausência das cuidadoras. A intérprete que estava presente na aula não participou do momento da dança, ficando na sala apenas para intermediar minha comunicação com a aluna.

FONTE: elaborada pela autora

8º Dia
Sexta aula de Dança
<p>Data: 11 de Abril de 2017</p> <p>Número de horas da atividade: 1h:30min</p> <p>Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)</p> <p>Número de alunos participantes: 6 (seis)</p> <p>Objetivo da aula: exercitar a interação em grupo, a memória, noções de espaço e noções de tempo.</p>
<h3>1. Momento de chegada</h3> <p>Cheguei a escola e fui até a diretoria pegar a chave da sala, cumprimentei a todos presentes. A diretora me informou que a sala estava</p>

aberta e tinham umas funcionárias fazendo a limpeza da sala. Encaminhei-me para sala e as funcionárias já estavam em conclusão da limpeza. Esperei 10 minutos e assim que terminaram fui para sala de aula chamar os alunos para a aula. Estando todos na sala, cumprimentamo-nos e já chamei todos para iniciarmos o alongamento.

2. Desenvolvimento da atividade

Chamei todos os alunos para o centro da sala e expliquei que iríamos trabalhar a interação entre eles e, para isso, a formação não seria feita em roda, como víamos fazendo nas aulas anteriores. Pedi que se dividissem em duplas e expliquei que as coreografias seriam as mesmas, porém que seriam dançadas em duplas e não em círculo como vínhamos fazendo. Organizei todas as duplas de modo que ficassem com espaço suficiente para executarem as coreografias sem bater uns nos outros. Avisei que iria colocar a música para começarmos. Pedi que eles dançassem animados e sorrindo para o seu par e disse que assim a dança fica mais bonita. Coloquei a música e eles iniciaram a dança. Durante todo o momento de aula, fiquei entre eles orientando-os com relação à quais movimentos realizarem.

Ao término de todas as músicas que havíamos ensaiado, troquei os pares e disse que continuaríamos com as mesmas músicas e coreografias, mas que eu precisava trocar os pares para que assim todos dançassem com todos. Repeti as músicas três vezes e conseqüentemente os pares foram trocados três vezes, fazendo assim com que todos interagissem. Os alunos não apresentaram dificuldades em executar as danças em formação de duplas. Essa aula foi dedicada para trabalharmos a interação em grupo, as noções de tempo, espaço e memória. A mesma teve duração de 1h:00min. Antes de acabar a aula, pedi que formássemos um círculo para que dançássemos todas as músicas uma última vez, mas, dessa vez iríamos dançar todos juntos.

3. Comentários e observações sobre o dia

Todas as cuidadoras participaram dessa aula, porém só fizeram dupla entre elas mesmas e não interferiram para ajudar os alunos.

FONTE: elaborada pela autora

Sétima aula de Dança

Data: 18 de Abril de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 6 (seis)

Objetivo da aula: exercitar a lateralidade assim como noções de tempo, noções de espaço, interação em grupo, a atenção e o controle emocional.

1. Momento de chegada

Cheguei na escola, peguei a chave da sala e fui buscar todos os alunos na sala de aula. Cumprimentamo-nos e durante o caminho para sala conversamos um pouco sobre como estávamos. Chegamos a sala e pedi que sentássemos no chão para realizarmos o alongamento.

2. Desenvolvimento da atividade

Planejei uma aula onde trabalhamos a lateralidade. Para esse exercício levei outras músicas populares que ainda não havíamos ensaiado. Chamei todos os alunos para o centro da sala e pedi que ficássemos na formação de círculo. Expliquei que hoje iríamos dançar músicas diferentes das que estávamos dançando e que para dançarem eles teriam que ficar muito atentos aos meus comando e movimentos que seriam comando de direção, como por exemplo, para direita, esquerda, para um lado, para o outro lado, para frente e para trás. Para a aluna S1, pedi que ela não olhasse para mim e sim para sua intérprete e que prestasse muita atenção aos seus comandos.

Pedi que ficassem um ao lado do outro e expliquei que para essa aula precisaríamos dançar em outra formação que seria um intercalando ao lado do outro e que eu ficaria na frente de todos dando os comandos. Pedi que olhassem sempre para frente para que pudessem ver meus movimentos e comandos. Disse que a intérprete ficaria do meu lado dançando também, mas que só a aluna S1 é quem deveria olhar para ela e os demais alunos deveriam olhar só para mim. Organizei todos os alunos na formação e pedi que tentassem não sair do seu espaço para não esbarrar com os colegas ao lado. Falei que as cuidadoras poderiam participar, mas que deveriam se posicionar atrás dos alunos e que elas não deveriam intervir durante a aula para ajudá-los. Mostrei onde ficaria e disse que iria iniciar as músicas.

Iniciei as músicas e comecei a dar os comandos e movimentar-me

igualmente falava, como por exemplo: Para a esquerda! E seguia para esquerda. Fizemos esse exercício até o término de todas as músicas que teve duração de 40 minutos. Todos os alunos conseguiram acompanhar sem dificuldades. Dei uma pausa para descanso de cinco minutos e repetimos novamente todas as músicas com os alunos, seguindo meus comandos da mesma forma que fizemos da primeira vez. Um dos alunos me disse: *Tia, to muito cansado*. E respondi dizendo: *Agora você vai lanchar e descansar*. Assim como no primeiro momento, o segundo momento teve duração de 40 minutos.

3. Comentários e observações sobre o dia

Todos os alunos participaram da aula e estiveram o tempo todo muito atentos aos meus comandos e explicações.

FONTE: elaborada pela autora

10° Dia
Oitava aula de Dança
Data: 20 de Abril de 2017 Número de horas da atividade: 1h:30min Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema) Número de alunos participantes: 6 (seis) Objetivo da aula: trabalhar a coordenação motora, o controle corporal e a atenção.
1. Momento de chegada Assim que cheguei a escola, peguei a chave da sala na diretoria e fui até a sala de aula buscar os alunos para a aula de dança. Chegamos à sala e logo iniciamos o alongamento. Depois do alongamento, S4 disse que estava com a perna doendo e que não iria dançar. Falei que tudo bem e pedi que ela ficasse sentada no canto da sala observando a aula. 2. Desenvolvimento da atividade Iniciando a aula, explico para os alunos que começaríamos a aula sem música para que eu ensinasse alguns movimentos mais difíceis como; giros

sequenciados, movimentos de baixar e levantar e troca de lugares, etc. Utilizei essa aula também para mostrar aos alunos “truques” para que eles consigam movimentasse de qualquer forma sem perder o equilíbrio, ficar tonto ou cair.

Chamei todos os alunos para o centro da sala e pedi que ficássemos na formação de círculo. Iniciamos realizando movimentos de giros sequenciados, sendo três giros para dentro do círculo e três giros para fora do círculo. Repetimos esse movimento oito vezes, com pequenos intervalos para descanso, até que todos os alunos conseguissem realizar de forma correta, ou seja, sem desequilibrar-se.

Para o segundo movimento, expliquei para os alunos que precisariam dar um giro para dentro do círculo, baixar rapidamente até o chão e ao levantar dar outro giro para fora do círculo. Esse movimento foi repetido por quatro vezes sem intervalos. Ao final das repetições todos os alunos conseguiram realizar os movimentos propostos sem erros.

O terceiro e último movimento foi de troca de lugares. Nesse, os alunos teriam que dar dois giros para o lado, de modo a trocar de lugar com o colega ao lado, e voltar com os dois giros, de modo a todos voltarem para seus lugares iniciais. Esse movimento foi repetido por seis vezes, quantidade necessária para que todos os alunos conseguissem executar os movimentos sem erros.

Entre as repetições de cada movimento, eu dei dicas para facilitar a movimentações dos alunos. As dicas eram do tipo: Levantem a cabeça ao girar para evitar tonturas. Olhem para o lugar antes de movimentar-se para ele para evitar que você saia do seu lugar, entre outras.

Todos os movimentos foram realizados de forma lenta e sem música, porque o objetivo da aula foi trabalhar os movimentos e não as coreografias. Ao fim das três sequências de movimentos, propus que justássemos todos os movimentos aprendidos e fizéssemos um sequenciado do outro. Exemplo: *Vamos dar três giros para dentro do círculo, três giros voltando para sua formação no círculo, ao chegarem a seus lugares no círculo devemos dar um giro para dentro do círculo, baixar e levantar rapidamente e voltar para nossos lugares com um giro, continuar dando dois giros para o lado, trocando de lugares com os colegas ao lado e retorna aos seus lugares com dois giros.*

Realizamos esse exercício uma vez e tudo ocorreu de forma bem atrapalhada, com um esbarrando no outro. Falei que iríamos fazer novamente, mas dessa vez bem devagar para que ninguém esbarre em ninguém. Repetimos todos os movimentos sequenciados e bem devagar, onde o tempo todo estive dando comando, do tipo: *Três giros para dentro. Um! (pausa), dois! (pausa) e três!* Dessa forma (mais devagar) todos os alunos conseguiram executar toda a sequência sem erros. Repetimos as sequências aprendidas

mais três vezes, sendo duas de forma bem lenta e pausada e uma de forma um pouco mais rápida sem pausas. Todos os alunos apresentaram um bom desempenho nas três repetições.

3. Comentários e observações sobre o dia

Todos os alunos estiveram muito atentos as minhas explicações e movimentos. As cuidadoras também participaram da aula, realizando os mesmos movimentos propostos aos alunos.

FONTE: elaborada pela autora

11° Dia

Nona aula de Dança

Data: 25 de Abril de 2017

Número de horas da atividade: 1h:30min

Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema)

Número de alunos participantes: 6 (seis)

Objetivo da aula: A aula objetiva trabalharmos a memória, noções de tempo, noções de espaço, controle emocional, controle corporal e interação em grupo.

1. Momento de chegada

Cheguei na escola peguei a chave da sala e quando me encaminhava para chamar os alunos para a aula encontrei uma aluna com sua cuidadora que saia do banheiro. A cuidadora perguntou se eu queria que ela chamasse os outros alunos? Respondi que sim, agradei e fui para a sala do CINECO esperá-los. Quando todos já estavam na sala cumprimentamo-nos e logo iniciamos o alongamento.

2. Desenvolvimento da atividade

Chamei todos os alunos para o centro da sala e expliquei que essa seria a nossa última aula de dança e por isso seria a nossa apresentação. Falei que dançaríamos todas as coreografias e movimentos trabalhados, mas dessa vez sem ensinamentos, dicas, nem intervalos, só seguindo a música de acordo com o que fôssemos lembrando das aulas passadas. Perguntei se as cuidadoras poderiam ser nosso público. Elas aceitaram. Falei para turma que dançaríamos

para as cuidadoras e no final as chamaríamos para dançar ciranda com a gente.

A apresentação ocorreu muito bem. Todos os alunos dançaram e acertaram todos os movimentos. Repetimos duas vezes a apresentação, e no final as cuidadoras dançaram ciranda junto. Foi uma experiência muito boa e muito feliz.

Para finalizar esse dia de vivência, sentei com eles e expliquei que aquele seria o último dia de dança, mas que eu voltaria em outra aula para realizarmos o exercício que havíamos realizado no primeiro dia de aula. Eles disseram que não queria que acabasse a aula, pois estavam gostando muito. Expliquei que eu teria que encerrar porque as aulas faziam parte de trabalho de conclusão de curso e que eu precisava escrever sobre essa experiência agora, mas que noutra oportunidade, eu voltaria para aprendermos mais sobre a dança. Relembrei a eles que eu ainda voltaria para termos nosso último encontro e nos despedirmos.

3. Comentários e observações sobre o dia

Fiquei muito feliz com o resultado da última aula, porque percebi que os alunos de fato haviam aprendido as coreografias e movimentos ensinados e por perceber, durante a apresentação, como eles estavam felizes e dedicados a apresentação, onde demonstraram isso apresentando muita atenção aos movimentos e sorrindo todos o tempo.

FONTE: elaborada pela autora

12º Dia
Avaliação final
Data: 26 de Abril de 2017 Número de horas da atividade: 1h:30min Locais explorados na escola: CINECO (Sala de cinema) Número de alunos participantes: 6 (seis) Objetivo da aula: A aula objetiva a realização da avaliação final (será realizada com os mesmos exercícios da avaliação inicial), que acarretara no resultado final da pesquisa, onde serão analisados se de fato as aulas de dança contribuíram para o desenvolvimento dos alunos participantes.
1. Momento de chegada

Cheguei à escola às 13h e fui até a diretoria pegar a chave. Informei a diretora que seria o meu último dia de vivência na escola. Ela me agradeceu pelo trabalho feito e disse: *Andei conversando com os alunos e cuidadoras no intervalo e me disseram que estão gostando muito das suas aulas. Inclusive uma aluna me perguntou por que você não poderia ficar vindo todos os dias?! já pensasse?* E completou dizendo: *Mulher, se eu pudesse fazer tudo nessa escola, eles teriam aulas de dança todos os dias sim. Percebo que eles se comportam melhor, sabe? Ficam mais felizes e isso me deixa feliz também.* Respondi a ela dizendo que seria maravilhoso para todos um projeto de dança na escola. Que depois que eu defendesse o TCC faria o possível para retornar à escola para vê-los. Despedi-me e fui para a sala organizá-la.

Quando terminei de organizar a sala já eram 13h:40min. Fui até a sala dos alunos chamá-los. Ao chegarmos na sala os cumprimentei, perguntei se estavam todos bem. E pedi que sentassem para fazermos um breve alongamento. Depois do alongamento falei para os alunos que aquele seria meu último dia de vivências com eles. Perguntei se lembravam dos exercícios que fizemos no primeiro dia de aula? Dois dos alunos responderam que sim, e os demais não responderam nada. Falei que iríamos repetir o mesmo exercício que realizamos no primeiro dia e chamei todos para o centro da sala para começarmos.

2. Desenvolvimento da atividade

A aula foi preparada para refazermos o processo avaliativo que foi feito no primeiro dia de aula, por isso o espaço da sala foi preparado da mesma forma do primeiro dia. As fichas avaliativas aplicadas tinham os mesmos itens contidos nas primeiras fichas (coordenação motora, lateralidade, memória, flexibilidade, postura, atenção, noções de espaço, noções de tempo, controle emocional, controle corporal e interação em grupo). Antes de iniciarmos os exercícios, relembrei todo o percurso que eles deveriam fazer até o ponto final do percurso onde deveriam ficar e esperar até que todos os alunos terminassem o percurso. Conforme cada aluno realizava o proposto eu observava e anotava nas fichas avaliativas os desempenhos deles.

Antes de encerrar a aula chamei todos os alunos para dançarmos as músicas que havíamos aprendido, falei: *Vamos fazer a dança da despedida?* E chamei-os. Todos vieram muito animados, inclusive todas as cuidadoras. Foi uma experiência maravilhosa, muito divertida e de muito aprendizado para mim. Despedimo-nos com uma pequena surpresa que levei para presentear cada um deles e agradei a atenção, o esforço e a dedicação que cada um teve durante as aulas. Disse que eles continuassem dançando e participando das aulas práticas na escola porque era de extrema importância para o

desenvolvimento e para a saúde de cada um, pedi um abraço a cada um e me despedi.

Antes de sair agradei a todas as cuidadoras que devolveram o agradecimento e disseram que as aulas de danças foram muito boas para os alunos e para elas porque geralmente eles não têm muito que fazer durante a rotina de aulas, pois a maioria das atividades deles eram desenvolvidas no atendimento do AEE (no contra turno). Falei a elas que incentivassem os alunos a participarem das aulas práticas que acontecem na escola, inclusive os incentivassem a participar dos projetos com dança que tenham na escola. Despedi-me com um abraço em cada uma e sai.

3. Comentários e observações sobre o dia

Todos os alunos realizaram os exercícios avaliativos, desde o percurso até os movimentos de dança realizados em um espaço limitado marcado no chão da sala.

FONTE: elaborada pela autora

4.2. Análise dos Dados

Para a análise dos dados, consideraremos as fichas avaliativas aplicadas antes e após as vivências de danças populares (Coco e Cirandas) realizadas junto aos estudantes com deficiência, bem como nossa avaliação de cada vivência a partir dos registros em diário de bordo. Vale mencionar que durante as práticas no campo tivemos acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e conversamos com a gestão, momentos que trouxeram informações relevantes que ampliaram nossa interpretação acerca do contexto investigado.

4.2.1. Reconhecimento do princípio da inclusão na escola-campo: apontamentos sobre o PPP

A diretora me trouxe o PPP e falou que ele foi elaborado em 2015 e apresentou também um livro menor que se tratava das últimas modificações feitas em 2016. No PPP da escola consta que a escola passou a ser

reconhecida como escola polo no atendimento de alunos surdos em 2009 e desde então passaram a desenvolver trabalhos visando o atendimento inclusivo para todas as crianças, jovens e adultos com deficiência matriculados na escola. O PPP descreve a escola como uma escola inclusiva por possuir um espaço acessível para alunos com dificuldade de locomoção e cadeirantes, assim como banheiros adaptados e profissionais capacitados.

Segundo o PPP a escola possui vinte cuidadores e cinco intérpretes com horários divididos para que todas as turmas, em todos os turnos, de modo que todos possam ser atendidos por esses profissionais. A Escola possui também uma sala de AEE que conta com uma coordenadora pedagógica que é responsável pelo atendimento na sala, além de um professor intérprete que é responsável pelas aulas de Libras e atendimento aos alunos surdos.

O atendimento educacional especializado acontece no contra turno das aulas regulares, exceto para os alunos com deficiência que realizam atendimento em outras instituições. Para esses alunos, o AEE ocorre no mesmo horário das aulas regulares, onde o aluno é retirado da sala por quarenta minutos, antes do término da aula na sala regular.

O PPP da escola cita que seu atendimento é baseado nos estudos expostos na Declaração de Salamanca sobre os princípios práticos na área das necessidades educacionais especiais (UNESCO, 1994), bem como no que prevê a constituição (BRASIL, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996). Segundo a diretora o PPP da escola é elaborado anualmente recebendo todos os reajustes necessários de acordo com o que exige o Ministério da Educação.

Sobre os profissionais que trabalham na escola, a diretora falou que ainda são poucos porque a cada ano a escola vem recebendo mais alunos com deficiência. Segundo ela, os cuidadores e intérpretes são os profissionais que a escola mais solicita da prefeitura por ser um direito indispensável do aluno. A diretora também falou que embora não tenham cuidadores e intérpretes para todos os alunos, a escola não tem dificuldade para o atendimento porque todos os profissionais são bem preparados e a escola tem “estratégias” para que o número de profissionais existentes possa contemplar todos os alunos com deficiência.

4.2.2. Análise dos registros do diário de bordo

O desenvolvimento de um trabalho com danças junto aos alunos com deficiência me possibilitou um melhor entendimento frente a duas questões: O que de fato é inclusão; a Inclusão significa estar na escola ou é a oportunidade de aprender junto com os outros? Como a dança pode favorecer nesse sentido?

Segundo Rodrigues (2006) inclusão se caracteriza em duas dimensões: a inclusão essencial, que trata da garantia dos direitos da pessoa com deficiência, a participação em todos os espaços e serviços da sociedade. E a inclusão eletiva é aquela que dar a pessoa a opção de ser incluída da maneira como ela deseja ser incluída, mesmo que para isso ela precise negar alguma forma de inclusão a ela oferecida. O autor também afirma que a inclusão eletiva não pode ser totalmente assegurada, uma vez que as alternativas de inclusão para a pessoa com deficiência ainda não estão resolvidas.

Partindo deste pressuposto, compreendi que a inclusão assim como a promoção da mesma é uma questão de possibilidades de desenvolvimento, ou seja, a pessoa tem o direito de escolha e para isso existem oportunidades diversas. Paralelamente, em conversa com gestores e com funcionários da escola pude perceber que existem diferentes opiniões (variando de uma pessoa para outra) referentes aos alunos com deficiência matriculados na escola. Entre essas opiniões destaquei algumas que foram mais faladas, como: *“eles não conseguem”, “eles não sabem”, “eles são limitados”*. Essas falas já trazem a descrença ou a crença na incapacidade das pessoas com deficiência (FERREIRA, 2004) e, conseqüentemente, o não investimento em oportunidade de desenvolvimento e aprendizagem para estes alunos.

Desta forma, esta pesquisa partiu da desconstrução de ideia negativa atribuída às pessoas com deficiência e, por isso, as atividades foram planejadas a partir do reconhecimento das potencialidades desses alunos. Em consonância, o plano de intervenção foi planejado com atenção às especificidades deles, trazendo situações de aprendizagem, de modo que pudessem desenvolver habilidades em diferentes áreas: coordenação motora, lateralidade, memória, flexibilidade, postura, atenção, noções de espaço, noções de tempo, controle corporal, controle emocional e interação em grupo.

Nesta linha, a habilidade de coordenação motora é definida por Londero (2011) em dois níveis, a coordenação motora grossa e a coordenação motora fina. Na primeira, a autora explica como a coordenação responsável pelo domínio do corpo no espaço e a segunda, como a coordenação responsável pelo uso de pequenos músculos, como exemplo: quando há a necessidade de apoiar-se nas pontas dos pés.

Durante as vivências, a coordenação motora, assim como a postura de cada aluno foi observada e trabalhada desde o momento dos exercícios avaliativos iniciais, passando pelas aulas de dança, nas quais pudemos perceber as principais dificuldades dos alunos nesse sentido e desenvolver atividades que os auxiliassem no desenvolvimento da coordenação motora grossa e fina. Na avaliação final os alunos demonstraram significativa melhora comparando a primeira avaliação, conforme apresentado na seção seguinte.

A lateralidade é definida por Nascimento (2012) como a capacidade de dominar os lados do corpo em conjunto ou separadamente. Dessa forma, trabalhamos a lateralidade utilizando os direcionamentos como, direita e esquerda, frente e trás, possibilitando incluir nessa percepção as noções de espaço e o controle corporal com os movimentos de baixar, subir e girar. Negrine (1986) defende que a criança seja estimulada através de vivências com o próprio corpo a definir seu lado dominante, sem qualquer pressão ou ordem do meio exterior. Durante as aulas com a dança popular, as crianças participantes puderam desenvolver a lateralidade assim como as noções de espaço de maneira individual por meio de suas próprias experiências com os movimentos coreográficos trabalhados, como descrito na aula 8 e 9.

Vinculada à competência de lateralidade, uma outra habilidade trabalhada nas aulas de dança popular foi a orientação espacial, que pode ser definida como

A capacidade que o indivíduo tem de situar-se e orientar-se, em relação aos objetos, às pessoas e o seu próprio corpo em um determinado espaço. É saber localizar o que está à direita ou à esquerda; à frente ou atrás; acima ou abaixo de si, ou ainda, um objeto em relação a outro. É ter noção de longe e

perto, de alto e baixo, longo e curto. (ASSUNÇÃO; COELHO, 2006, p.91-96).

Os dados apresentados nas aulas indicam que foi possível o trabalho simultâneo da lateralidade e da noção de espaço, uma vez que ambos os critérios exigem dos participantes a harmonia entre o corpo e o espaço que se relacionaram durante a dança no desenvolvimento dos movimentos. Deste modo, a intervenção ajudou os alunos a melhorarem essas duas habilidades por meio de um único objetivo de aprendizagem.

Uma quarta habilidade desenvolvida nas aulas foi a memória. Para esta aprendizagem partimos da idéia de que primeiramente era necessário explicar o conceito das danças que iríamos trabalhar com o propósito de dar sentido ao trabalho que passaria a ser desenvolvido em 9 encontros (de aula de dança). Logo após, foi ensinado aos alunos os movimentos coreográficos fazendo relação aos conceitos repassados, assim como também aos momentos comuns do cotidiano dos mesmos. Por exemplo: *“O primeiro movimento é para darmos um passo à frente, como fazemos quando estamos andando, um pé a frente do outro”*. (Descrição recuperada da aula de introdução ao coco de roda).

Dessa forma, entende-se que fica mais fácil a aprendizagem e memorização dos alunos com relação aos movimentos ensaiados porque estamos relacionando algo desconhecido (as bases das danças populares) com algo conhecido (o ato de caminhar). Para Vygotsky (1998) o pensar consiste em lembrar, assim como o lembrar resulta em pensar, de modo que o pensamento assume a responsabilidade sobre a memória e a incorpora em seu funcionamento mediado.

A atenção dos alunos foi trabalhada em todo o processo, desde a primeira avaliação, até a última avaliação, onde em todos os momentos da vivência estive explicando a necessidade de prestarem bastante atenção a meus movimentos, comando e explicações, bem como ao tempo da música para que fosse possível desenvolvermos o que estava sendo proposto – neste caso os movimentos coreográfico das danças populares (Ciranda e Coco).

Dois dos critérios necessários para a avaliação dos alunos, acerca da dança, para a promoção do desenvolvimento das habilidades frente aos alunos

com deficiência foram trabalhados, sendo esses critérios; atenção e noção de tempo. Não foi difícil ter a atenção dos alunos participantes, em todas as aulas, a maioria dos alunos se mostrou empolgada e atenta a tudo o que eu falava e demonstrava. A razão seria que a dança é um método lúdico de aprendizagem que potencializa a motivação e a criatividade dos estudantes.

No que se refere ao alongamento realizados nas aulas, este momento foi importante porque promoveu a interação inicial com a turma e, ao mesmo tempo, a preparação do corpo para a aula. Achour (1996) afirma que por meio do alongamento, conservamos e recuperamos as capacidades da amplitude nos movimentos, assim como também preparamos o corpo para desempenhar as atividades de forma mais eficiente. Neste contexto, a flexibilidade e o controle emocional foram ambos trabalhados em vários momentos, mas em especial durante os alongamentos, sendo este o momento de nos dedicarmos à concentração para preparamos o corpo e a mente para um melhor desempenho durante as aulas de dança. Leahy, Tirch, Napolitano (2013) caracterizam como desregulação emocional, a intensificação de emoções que resultem em pânico, terror, trauma, temor, ou senso de urgência de forma que indivíduo se sinta sobrecarregado e com dificuldade de tolerar emoções. Assim, o alongamento também foi trabalhado de modo a “*acalmar os ânimos*” na intenção de permitir aos alunos sentir-se confortáveis durante a aula, evitando qualquer estresse ou sensação de estarem sob pressão.

Em todos os momentos de vivências a interação em grupo foi trabalhada tanto da formação de círculo com o grupo de mãos dadas e executando igualmente os movimentos comandados, como em formações de duplas onde para execução coreografia era necessário que ambos os participantes se ajudassem. Como os alunos participantes vivenciam, no âmbito escolar, muitos momentos juntos por fazerem parte do mesmo ano e turno do ensino (7º, tarde) eles já são muito integrados e generosos uns com outros, por isso não tivemos dificuldades em trabalhar em grupo. Muito pelo contrário, as aulas de dança possibilitou mais um momento de estarem juntos compartilhando aprendizados e auxiliando no desenvolvimento das habilidades uns dos outros.

A seguir, analisamos o conteúdo das fichas de avaliação.

4.2.3. Análise das Fichas Avaliativas

Foram analisadas as fichas aplicadas no início e ao término das vivências, e a partir delas, se fez uma comparação dos resultados apresentados antes e após as intervenções, buscando responder se as danças populares podem contribuir no desenvolvimento de habilidades escolares, de alunos com deficiência, conforme se vê no quadro a seguir:

Cada numeração equivale à pontuação dada para o desenvolvimento da criança ao que foi proposto: 1 – Ótimo (Quando o aluno executou perfeitamente o proposto); 2- Bom (Quando o aluno executou bem o proposto, mas algum pequeno erro aconteceu que não permitiu ser uma execução perfeita); 3 – Regular (Quando alguns erros na execução do que foi proposto foi cometido, mas que não impediram que o aluno executasse o proposto); 4 – Ruim (Quando o aluno não executou corretamente o proposto e/ou não prestando a devida atenção aos meus comandos e orientações. Ex: Não seguiu a ordem do percurso corretamente); 5 – Não Executou

Quadro 7: Fichas avaliativas iniciais

Habilidades avaliadas	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Coordenação motora	3	2	4	3	2	2
Lateralidade	4	3	4	4	3	3
Memória	3	3	3	3	2	4
Flexibilidade	4	3	4	2	3	3
Postura	3	2	4	3	3	3
Atenção	4	2	3	3	3	4
Noções de espaço	4	3	4	2	3	3
Noções de tempo	4	3	4	4	4	4
Controle corporal	2	2	2	2	2	2
Controle emocional	1	2	2	2	2	2
Interação em grupo	3	2	4	3	1	3

FONTE: elaborada pela autora.

Observamos agora, o quadro das avaliações finais, ou seja, após as vivências realizadas com os alunos.

Quadro 8: Fichas avaliativas finais

Habilidades avaliadas	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Coordenação motora	2	1	2	2	1	1
Lateralidade	3	2	3	2	2	2
Memória	2	1	2	2	1	2
Flexibilidade	3	2	3	1	2	3
Postura	3	2	2	2	1	3
Atenção	1	1	2	1	1	1
Noções de espaço	2	2	3	1	1	3
Noções de tempo	2	2	2	2	2	2
Controle corporal	2	1	2	1	1	1
Controle emocional	1	1	1	2	1	1
Interação em grupo	2	1	1	2	1	1

FONTE: elaborada pela autora.

Como é possível observar nos quadros acima, a habilidade “atenção” de S1 que antes era 4 (ruim), na segunda avaliação chega a 1 (ótimo).

Já S2 apresenta uma melhora significativa na habilidade “memória”, onde antes era pontuada como 3 (regular), chegando a pontuação de 1 (ótimo).

S3 com relação a “interação em grupo” foi avaliado inicialmente com 4 (ruim) chegando na última avaliação com a pontuação 1 (ótimo) com relação a mesma habilidade.

S4 com relação a “lateralidade”, antes era 3 (regular), chegando a 1 (ótimo).

S5 que antes foi pontuada na avaliação com relação a “noções de espaços” com 3 (regular), chegou a pontuar na avaliação final 1 (ótimo).

Por fim, S6 antes apresentava uma habilidade “noções de tempo” avaliada em 4 (ruim), na última avaliação chegou a pontuação de 2 (bom).

Então, em linhas gerais, conforme se observa, quando se compara o quadro 4 e 5, são significativas as mudanças apresentadas pelos alunos com

deficiência, participantes das vivências com as danças populares. Em todos os critérios de observação contidos nas fichas avaliativas, há desenvolvimento evidenciado, o que comprova o quanto o uso da dança pode ser benéfico para estes sujeitos desenvolverem diferentes habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo analisar se o uso da dança pode facilitar o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas, promovendo a inclusão de estudantes com deficiência.

Foi possível notarmos que as crianças participantes das vivências com as danças populares foram apresentando melhorias no desenvolvimento de suas habilidades, na medida em que foram acontecendo às aulas de dança. E ao término das vivências, esse progresso fica nítido, quando compararmos os quadros 4 e 5 que retratam as avaliações iniciais e finais. A partir desses instrumentos foi possível identificar o melhor desempenho dos sujeitos avaliados, tornando claro que, mesmo numa experiência breve (apenas doze dias de vivência com a dança), é possível perceber avanços significativos. O que responde a nossa pergunta inicial de que, de fato, o uso das danças populares pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades da pessoa com deficiência.

Além da evidência comprovado, é importante destacar que os alunos com deficiência participantes das vivências com as danças populares se mostraram muito satisfeitos e empolgados durante todas as aulas. Também falaram que as aulas de danças estavam sendo muito divertidas e por isso estavam gostando muito de participar delas. Em todas as falas, sempre revelaram que gostavam do momento, com colocações do tipo: *“Dança é muito legal”* *“Me divirto muito na sua aula”* *“Queria que a gente tivesse aula de dança todo o dia”*.

Dessa forma, a experiência nos atesta que a dança tem um papel importante nas suas rotinas escolares, contribuindo positivamente no humor, motivação e comportamento, portanto, para o bem estar de cada aluno.

Os pontos emergentes desta pesquisa foram que o uso da dança popular, no caso específico de Coco de Roda e Ciranda, contribuiu positivamente no processo de aprendizagem de estudantes com deficiência, porque eles se sentiram motivados para realizar as atividades e com isso, desenvolveram habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas que são relevantes para sua trajetória escolar.

Nessa direção, é possível afirmar que, quando os alunos com deficiências encontram oportunidades de aprendizagem, conseguem avançar sem sofrimento na aprendizagem escolar. O modo como a dança propicia isso é que deve ser levado em consideração pela escola.

Pode-se destacar que as danças populares podem ser um recurso importante para a inclusão desses estudantes, pois, garantem o direito à educação. O uso de caminhos diferentes para aprender deve ser um artifício da escola para promover a inclusão.

Destacamos aqui, como um caminho possível a arte através da dança popular, pois além de valorizar a cultura e tradição brasileira (que precisa ser urgentemente resgatada na escola, pelo seu valor cultural e na formação da identidade nacional), também traz contribuições decisivas para o desenvolvimento de habilidades necessárias nas demais aprendizagens acadêmicas.

Do nosso ponto de vista, cabe destacar ainda que, vivenciar a experiências com as danças populares brasileiras (Ciranda e Coco de Roda), junto aos alunos com deficiência da escola pública, me proporcionou um rico aprendizado acerca das potencialidades destes estudantes. Partindo das experiências vividas, cheguei ao entendimento de que educação inclusiva é a educação possível para todos, sem restrições, onde os estudantes possam encontrar oportunidade de aprendizagem, sob diferentes abordagens, modelos e perspectivas.

Com base na fala de Santiago (2015), ela defende a necessidade de a escola superar os rótulos e direcionar um olhar social à pessoa com deficiência. Para isso, é preciso garantir o direito da adequação curricular, de planejamento, de formação, entre outras coisas, para que existam reais oportunidades de participação e a inclusão não seja fictícia.

Analisando os avanços apresentados pelos alunos durante as aulas de dança e comparando os resultados da primeira ficha avaliativa com relação a última, percebi a importância da dança para o desenvolvimento das habilidades de alunos com deficiência, uma vez que a dança se apresentou como uma importante ferramenta para o estímulo da aprendizagem desses alunos.

Reconheço que alguns desafios apareceram durante o período de experiência, como a falta da intérprete da aluna surda, que dificultou um pouco

a nossa comunicação com a mesma, mas que não impossibilitou sua participação na aula, nem o seu sucesso na execução dos movimentos trabalhados. Procuramos transformar cada dificuldade em aprendizado, utilizando os acontecimentos cotidianos inesperados como elementos de reflexão e ponto de partida para novas pesquisas e descobertas.

Em todo momento, procuramos possibilitar aos alunos participantes um ambiente de aprendizagem adequado, onde todo o espaço fosse apropriado e cômodo para todos. Para tanto, utilizamos uma linguagem simples e objetiva para que não houvesse o desentendimento de nenhum dos alunos com relação as explicações dadas.

A elaboração deste trabalho monográfico foi relevante para minha formação e me fez sentir mais preparada para militar em favor da inclusão educacional e social e para receber estudantes com deficiência na minha futura atuação docente. Entendo hoje a escola como um ambiente de promoção a inclusão social, que deve trabalhar no desenvolvimento ao respeito às diferenças e a igualdade de participação. Para isso, “é preciso repensar o papel da escola, revisitar concepções e práticas há muito cristalizadas em seu interior e derrubar paradigmas a fim de que todos possam usufruir a educação enquanto direito inalienável” (SANTIAGO, 2003, p. 162).

Diante dos resultados encontrados, sugerimos que é importante ressaltar o papel das artes no cotidiano da escola. Nesse estudo damos destaque a dança, mas, entendemos que o uso das artes de modo geral pode contribuir significativamente para a inclusão, de fato e de direito.

Sugerimos, ainda que as escolas repensem seu currículo e entendam os momentos artísticos como parte da escola, e não como um recurso que deve ser utilizado (apenas) para as comemorações. O uso da dança promove motivação, alegria, participação, ajuda na concentração e atenção, ativa a memória, a coordenação motora, etc.

Fica o pedido para que os gestores de escola atentem para a importância de incluir momentos artísticos como parte das atividades promovidas pela escola e para que os professores tragam esse recurso para suas aulas.

Rodrigues (2006) defende que os indivíduos sejam vistos também pelas suas diferenças, como construção do “eu” próprio e não como uma diferença

que inferioriza uns e dão superioridade a outros. Essa experiência deixou grandes contribuições para minha vida pessoal, assim como para meu conhecimento profissional e também, acredito, que para os alunos no que diz respeito ao desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e emocionais.

REFERÊNCIAS

ACHOUR JR, A. **Bases para exercícios de alongamento: relacionado com a saúde e no desempenho atlético**. Londrina: Midiograf, 1996.

AYALA. Maria Ignez Novais. Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX. **Revista de Estudos Avançados**. vol.13 n.35, São Paulo Jan./Apr. 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141999000100020>>. Acesso em: 27 maio 2017.

ASSUNÇÃO, Elisabete J. & COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 27 maio de 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 27 maio 2017.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

D'AMORIM, Rodrigo Cavalcante & ARAÚJO, Dinalva. **Do Lundu ao Samba pelos caminhos do Coco**. João Pessoa, 2003.

DINIZ, Jaime. Ciranda: roda de adultos no folclore pernambucano. **Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística**. Recife, 1960.

FERREIRA, W. B. Invisibilidade, **Crenças e rótulos: Reflexão sobre a profecia do fracasso educacional na vida de jovens com deficiência**. IV Congresso Brasileiro sobre Síndrome de Down. Família, a gente da inclusão. 09-11 de Setembro de 2004. Bahia. Disponível em: <www.federacaoinddown.org.br> Acesso em 04 mar. 2012.

GASPAR, Lúcia. **Ciranda. Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

GUARATO, Rafael. **Porum conceito de: “Danças Populares”**. Dança, Salvador, 2014.

LEAHY, Robert. TIRCH, Dennis. NAPOLITANO, Lisa. **Regulação Emocional em Psicoterapia: Um Guia para o Terapeuta**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

LONDERO, Rosana Maria Alves. **A dança na escola e a coordenação motora**. – Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. Fortaleza, 2011.

NASCIMENTO, Jefferson. **A lateralidade no Ensino Fundamental**. 2012. disponível em: <<http://algotaodoceeducacao/2012/09/lateralidade-no-ensino-fundamental.html>>acesso em 22 de maio de 2017.

NEGRINE, Airton. **Educação psicomotora: a lateralidade e a orientação espacial**. Porto Alegre: Palloti, 1986.

ONU. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 2006. Disponível em: <<http://www.inr.pt/uploads/docs/direitosfundamentais/convencao/ConvTxtOfPort.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2017.

RAHME, Claudia. **A Cultura e a Dança Popular do Brasil**. – Gazeta da Beirute <<http://www.gazetadebeirute.com/2013/04/a-cultura-e-danca-popular-do-brasil.html>>Libano, 2013.

RODRIGUES, David (org). **Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo:Summus2006.

SANTIAGO, Sandra A. S.**Educação para todos**: um estudo sobre a política de inclusão dos portadores de necessidades educacionais especiais no Brasil.Recife, 2003.

SANTIAGO, Sandra A. S. **Políticas públicas inclusivas na educação básica**: refletindo sobre a situação do estudante surdo nas escolas de João Pessoa/PB. João Pessoa, 2015. – Disponível em:ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.8, n.1, p.119-135, Janeiro a Abril de 2015. Acesso em 20 de abril de 2017.

SANTOS, Rosirene Campêlo & FIGUEIREDO, Maria V. C. **Dança e inclusão no contexto escolar, um dialogo possível**. 2003.– Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16052/9836>> Acessado em 20 de abril de 2017.

SANCHES, Isabel. TEODORO, Antônio. Da integração à Inclusão Escolar: Cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*, 2006, 8, 63-83. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rle/n8/n8a05.pdf>>. Acesso em: 27 maio de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TOSCANO, Fernanda. **Cocode Roda: Origem e resistência**. – Jornal A Verdade<<http://averdade.org.br/2012/04/>coco-de-roda-origem-e-resistencia>> RECIFE, 2012.

UNESCO, 1994 – **DECLARAÇÃO DA SALAMANCA** – Disponível em: http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/19/fl_9.pdf Acessado em 02 de Abr. de 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. 6. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 161 p.

APÊNDICES